

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**Escola e história da literatura em diálogo**

**Marisa Cardoso Piedras**

Prof<sup>a</sup>. Dr. Maria Eunice Moreira  
Orientadora

Data da defesa: 25/01/2007

Instituição Depositária:  
Biblioteca Central Irmão José Otão  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, novembro de 2006

Dedico esta dissertação a todos que de alguma maneira acreditaram na minha capacidade intelectual.

“Tem sido assim desde o princípio: a história dos meus dias, a história da minha vida, cada história que posso contar guarda em si outra história, inenarrável. Um tormento, porque tenho a esperança de que façam sentido as palavras e sentenças que vou justapondo - preto no branco, a trama visível - mesmo que a mim escape o nexo da história que conto e o sentido daquela que posso contar. Como a vida, os fatos são fragmentários, a coerência, suspeita. As palavras e as sentenças, desta forma, no máximo podem flutuar acima do que quero - ou do que pretendia - dizer.”

Cíntia Moscovich (trecho de *Duas Iguais*)

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria agradecer a minha orientadora Maria Eunice Moreira pelo acompanhamento durante a construção desta dissertação. Da mesma forma, aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pela oportunidade de aprimoramento profissional que me propuseram, em especial, à professora Dr. Vera Teixeira de Aguiar. Também, às funcionárias do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pelos esclarecimentos administrativos necessários ao andamento deste trabalho. Assim como meus agradecimentos se voltam para as escolas públicas e particulares que, tão gentilmente, se dispuseram a participar desta pesquisa. Ao mesmo tempo, agradeço aos colegas, pelos momentos especiais, no nosso convívio diário, e aos meus filhos, ao meu marido, pelo carinho e paciência, nessa jornada. Principalmente, a CAPES, pela bolsa concedida, pois sem ela não seria possível fazer este curso.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1 INICIANDO O DIÁLOGO .....</b>	<b>13</b>
1.1 Literatura e ensino.....	13
1.2 História da literatura: uma visão contemporânea.....	17
1.3 História da pesquisa.....	28
1.3.1 Escolas da rede particular.....	32
1.3.2 Escolas da rede pública.....	34
<b>2 DIÁLOGO COM A ESCOLA.....</b>	<b>37</b>
2.1 Parâmetros Curriculares Nacionais.....	37
2.2 Planos de Conteúdos e leituras.....	43

2.2.1 Uma abordagem na rede particular.....	43
2.2.2 Uma abordagem na rede pública .....	55
2.3 Livros didáticos.....	62
2.3.1 Uma abordagem na rede particular.....	62
2.3.2 Uma abordagem na rede pública.....	72
<b>3 TERMINANDO O DIÁLOGO.....</b>	<b>80</b>
3.1 A escola e a História da Literatura.....	80
3.2 Indicativos para começar um novo diálogo com a escola.....	93
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>107</b>
<b><i>CURRICULUM VITAE</i>.....</b>	<b>116</b>

## RESUMO

O presente trabalho é uma pesquisa de campo que se propõe investigar qual o conceito de história da literatura que norteia o ensino literário das escolas de Ensino Médio de Porto Alegre. Ao mesmo tempo, procura apontar indicativos para uma nova abordagem da disciplina literatura no Ensino Médio, recorrendo aos pressupostos teóricos de historiadores contemporâneos que repensam a história da literatura colocando em discussão a periodização e a classificação linear. Procurou-se analisar os materiais referentes à disciplina de literatura no Ensino Médio, para tanto se levantam os documentos que gerenciam o Ensino Médio que são os Parâmetros Curriculares Nacionais, os planos de conteúdos, assim como as leituras literárias e respectivas metodologias, e também o livro didático indicado para os três anos do Ensino Médio do ano de 2005, que formam, portanto, o *corpus* que serve de subsídio para análise e interpretação. O mesmo foi coletado em quatro escolas, as quais se dispuseram a participar e contribuir com a pesquisa. A estrutura formal do trabalho é composta, além da introdução, que procura situar a investigação em aspectos textuais, de três capítulos, os quais obedecem às seguintes seqüências: primeiro, busca-se mostrar, através dos pressupostos teóricos, a literatura e ensino, a história da literatura na visão

contemporânea, também a descrição das pesquisas e as escolas que participaram dela. No segundo capítulo, evidenciam-se, através das descrições dos materiais levantados o conceito da história da literatura que se encontra nas quatro escolas investigadas. O terceiro capítulo é reservado para analisar as percepções encontradas no corpus descrito e para propor indicativos que ofereçam uma nova abordagem da disciplina literatura no Ensino Médio. Deixa-se para as palavras finais, as considerações que se julgam significativas, procedentes dos resultados desta pesquisa.

## INTRODUÇÃO

O trabalho que se apresenta tem como objetivo investigar, através de uma descrição analítica, o conceito de história da literatura sugerido pela disciplina de literatura no Ensino Médio, delineando-se desse modo, como a história da literatura aparece nas escolas, ao mesmo tempo, propor uma orientação para uma mudança no ensino literário nas escolas. Entendendo a abrangência do conceito de histórico e o seu desdobramento ao longo do tempo, privilegia-se, para uma melhor delimitação do tema, a abordagem por teorias contemporâneas da história literatura.

As teorias contemporâneas preconizam que a história da literatura deve ser repensada dentro de novas maneiras em que a periodização e classificação linear são colocadas em discussão. A historicidade da literatura não repousa numa dependência de acontecimentos literários constituídos pelo passado, mas no experimentar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores. Todavia, essa historicidade não aparece no ensino literário das escolas pelo seu caráter institucional em que mostram os educadores, a partir dos primeiros jesuítas que chegaram ao Brasil e fizeram da literatura um instrumento a seu serviço. Paradoxalmente, a literatura foi colocada na

contramão de uma educação que deveria estar voltada para emancipação dos educandos. Essa concepção alienante da literatura evoluiu com a divulgação e o uso dos livros didáticos nas escolas.

Assim a pesquisa se justifica porque pode contribuir para ampliar o debate em torno do ensino da literatura nas escolas, enfocando conteúdos, leituras e metodologias estudados no Ensino Médio. Assim como os questionamentos sobre o uso dos livros didáticos nas aulas de literatura constituem em um dos pontos de discussão. Com o intuito de se conectar aos estudos existentes, esta pesquisa procura alargar os horizontes do tema, contribuindo no sentido de poder perceber, através do tratamento dado pela escola à literatura, alguns possíveis indicadores de inovações nas leituras literárias e metodologias usadas. Assim como identificar o caráter de historicidade existente nos documentos que gerenciam a disciplina literatura, os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Sem desconhecer os distintos aspectos culturais que envolvem a leitura, literatura e educação, a análise do material literário indicado, assim como as variadas formas de abordá-lo são condições necessárias para o desenvolvimento deste trabalho. Logo se tornam necessários o reconhecimento dos conteúdos literários, as leituras, os livros didáticos e os procedimentos metodológicos indicados para os adolescentes no Ensino Médio. Assim como também é relevante o exame da postura assumida pela escola frente ao entendimento do caráter histórico da literatura proposto pelas teorias contemporâneas da história da literatura.

Visando um resultando pontual, optou por ir a campo em busca de dados informativos que fossem reveladores do conceito de história da literatura que se centraliza na disciplina de literatura nas escolas de Ensino Médio. A pesquisa foi feita em quatro escolas de Porto Alegre, duas da rede particular de ensino e duas da rede pública. Nas escolas indicadas foram coletados os planos de conteúdos, as leituras e as metodologias, assim como as sugestões dos livros didáticos usados para o ensino aprendizagem da literatura durante os três anos do Ensino Médio. Ao mesmo tempo, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, na medida em que foram analisados os Parâmetros Curriculares Nacionais, os documentos orientadores da disciplina literatura no Ensino Médio.

Desta forma, o trabalho se organiza em três capítulos. O primeiro capítulo consta uma revisão dos teóricos escolhidos que mostram um questionamento em relação ao ensino literário vinculado à periodologia. Então, na tentativa de entendimento e fundamentação da historicidade contemporânea, volta-se para autores que mostram uma nova abordagem da história da literatura, entre eles, os estrangeiros Walter Benjamin, Hans Robert Jauss e os brasileiros Regina Zilberman, Roberto de Souza Acizelo, José Luís Jobim. Assim como se esclarece, ainda nessa parte, a história da pesquisa relatando como se chegaram aos documentos usados, do mesmo modo, as escolas de Porto Alegre que participaram deste processo de investigação.

No segundo capítulo são descritos os dados coletados sem interposição dos referenciais teóricos. Inicia-se pela tentativa de buscar o conceito de história que permeia os Parâmetros Curriculares Nacionais, assim como se remete a um relato dos

assuntos literários indicados pelos planos de conteúdos, as leituras e os processos metodológicos inerentes a elas. Além disso, volta-se para uma análise descritiva dos livros didáticos. Nessa exposição documental do que cerca a disciplina literatura, há uma tentativa de encontrar a conceituação de história da literatura que se concentra nas instituições escolares participantes dessa pesquisa.

O terceiro capítulo traz à tona a interposição entre os dados coletados e os referenciais teóricos usados para a investigação. Dessa forma, surge na análise a concepção da história da literatura adotada pelas escolas, seja pelos assuntos literários, leituras ou pelas práticas didático-pedagógicas por elas conduzidas. As posições que se assumem diante da literatura deixam entrever a historicidade ou não do ensino literário nas escolas participantes desta investigação e as possíveis conseqüências dele. Por outro lado, do mesmo modo, se busca mostrar indicativos para uma nova abordagem na disciplina de literatura nas instituições escolares.

Mesmo reconhecendo que a discussão sobre o tema não pode ser decisiva. Existe a confiança de que os resultados dessa investigação se agregam a outros possuidores da preocupação de trazer para o debate as questões mencionadas ao ensino literário nas escolas e as concepções contemporâneas conectadas à historicidade literária. Igualmente, procura-se ampliar o estudo sobre esse assunto, pois o trabalho se dirige àqueles que se sentem inquietos diante dos rumos da disciplina literatura nas escolas. Ao mesmo tempo, demonstra-se pelas considerações finais que o tema pode avançar, abrindo novos rumos a serem seguidos nas instituições responsáveis pela difusão da literatura no Ensino Médio.

## 1 INICIANDO O DIÁLOGO

### 1.1 Literatura e ensino

Pode-se dizer que o ensino da literatura é o mais antigo no Brasil.<sup>1</sup> Essa disciplina foi instituída no Brasil pelos padres jesuítas quando se transferiram para cá em missão de catequese. Nos meados de 1550, o sistema escolar se dividia em duas variantes: uma que tratava, basicamente, dos processos de alfabetização e a outra voltada para a instrução nos padrões do Ensino Médio em que a escolarização se dirigia para as disciplinas de religião e das letras.

O estudo de literatura, nessa época, limitava-se aos clássicos gregos e latinos como, por exemplo, Homero, Ovídio, Virgílio e Cícero. Contudo, os maiores interesses desses estudos eram as qualidades dos textos literários através dos recursos das rimas, tons, musicalidade e composição de versos com fortes intenções pedagógicas e fins moralizantes, mesmo quando se tratava de textos, como os do Padre Anchieta, segundo Alfredo Bosi<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> MALARD, Leticia. *Ensino e literatura no 2º grau*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

<sup>2</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

No entanto, apesar de a literatura estar presentificada fortemente na educação jesuítica, a disciplina não possibilitava uma mudança nos indivíduos, pois o ensino era orientado para a cultuação da arte do falar erudito e intenções de catequização dos índios com indução ao catolicismo. Essa percepção de ensino literário, distanciado da realidade social e histórica adentrou aos séculos e, hoje, ainda no século XXI, temos um ensino de literatura nas escolas representado pelos livros didáticos em que os objetivos principais são a memorização de biografia e as listagens de obras clássicas, assim como as características literárias de autores e obras, quase sem vinculação com a realidade cultural do Brasil.

Regina Zilberman<sup>3</sup> em 1991, escrevendo sobre as relações entre literatura e pedagogia aponta uma crise no ensino de literatura, que num sentido dilatado pode ser interpretado de muitas formas, mas se entende que a literatura nas escolas deve se questionar sobre a sua finalidade, pois a acepção desse saber literário não pode ser o mesmo desde o século XVI.

Do mesmo modo, Maria Thereza Rocco<sup>4</sup> sinaliza questionamentos no ensino literário, por estarmos inseridos num tempo de imagens levando a uma crise nesse ensino vinculado ao texto, pois a literatura estaria dividindo seu espaço com outros tipos de comunicações. Conforme essa autora, pergunta-se o que está sendo validado no ensino literário nas escolas entre os adolescentes, jovens e adultos.

---

<sup>3</sup> SILVA, Ezequiel Theodoro da, ZILBERMAN Regina. *Literatura e Pedagogia: ponto & contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

<sup>4</sup> ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Literatura e ensino: uma problemática*. São Paulo: Ática, 1981.

A literatura no Ensino Médio é voltada para o ensino de períodos estéticos, ou seja, a historiografia apresenta uma visão cronológica dos fatos organizados do mais distante ao próximo, segundo a análise de Micheline M. Laje<sup>5</sup>. As análises e pesquisas dessa autora reafirmam o que, empiricamente, pode ser observado, existem tradições cristalizadas no ensino de literatura. Desse modo, mostra-se o conceito de literatura, os gêneros literários e o cânone trabalhado numa perspectiva tradicional e, principalmente, o ensino empedernido da periodologia literária.

As investigações dessa autora apontam ainda para a necessidade de uma proposta metodológica que se volte para a literatura no Ensino Médio. Igualmente, Bordini e Aguiar<sup>6</sup> constataam que os problemas da disciplina de literatura nas escolas estão na inexistência de uma proposta metodológica que a embase.

Gustavo Bernardo<sup>7</sup> explica que há uma contradição presente nas aulas de literatura e também nos livros didáticos, pois mesmo a disciplina de literatura tendo um razoável espaço nas grades curriculares das escolas e nos exames vestibulares, não há historização da mesma. Segundo o autor, não são tratados fatos importantes sobre a literatura, por exemplo, sua importância institucional, os motivos do ensino literário se tornar uma cultura inútil e enciclopédica nas escolas.

---

<sup>5</sup> LAJE, Micheline Madureira. *Ler sem doer: perspectivas para leitura do texto literário no Ensino Médio*. Minas Gerais: UNILESTE, 2003.

<sup>6</sup> BORDINI, Maria da Glória, AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

<sup>7</sup> BERNARDO, Gustavo. O conceito de literatura. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Introdução aos termos literários*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. p. 135- 68.

Isso permite deduzir que os livros didáticos e a disciplina de literatura permanecem atados a uma linha cronológica de periodologia com base em uma concepção romântica da história literária. Na maioria das vezes, autores como Augusto dos Anjos, Guimarães Rosa ou mesmo Machado de Assis acabam se tornando um grande mistério para os alunos, algo como se o não enquadramento nos tais períodos estéticos prejudicasse a obra dos citados autores.

Marisa Lajolo<sup>8</sup> ressalta que literatura, história e história da literatura são interligadas: algumas vezes, o texto literário se torna um documento da história e, outras vezes, a história se constitui no contexto da literatura. Contudo, esse entrelaçamento é construído linearmente, pois a história da literatura como é praticada nas escolas, através da periodologia, não transforma o impasse entre as disciplinas literatura e história, uma vez que também organiza cronologicamente autores, obras e estilos de épocas.

Dessa forma, pode-se concluir que há necessidade de historizar a disciplina de literatura nas escolas remetendo-a ao século dos seus alunos. Desse modo, deve-se repensar a relação de obras e autores, bem como reavaliar a homogeneização dos períodos literários trabalhados nas instituições escolares.

---

<sup>8</sup> LAJOLO, Marisa. Literatura e história da literatura: duas senhoras muito intrigantes. In: MALARD, Letícia. et al. *História da literatura*. Campinas: UNICAMP, 1995. p.21 - 31.

## **1.2 História da literatura: uma visão contemporânea**

A disciplina da história literária viveu, desde o final do século XIX até o final do século XX, um longo período de crise, em que o gênero passou por vários enfrentamentos que, se não diminuíram a sua importância prática, ao menos alteraram profundamente o seu lugar no quadro das ciências sociais. Nas últimas décadas, a historiografia literária vem sofrendo considerável transformação, que se faz sentir pelo questionamento, entre outras coisas, de sua linearidade tradicional, baseada em noções como a de progressão ou de evolucionismo, que cedem lugar a espécie de diálogo ente passado e presente. Do mesmo modo, as fronteiras rígidas entre os povos, representadas por figuras como a da nação, hoje são reveladas como uma construção discursiva frágil, somente sustentada por interesses hegemônicos.

Até há pouco tempo, não pareceria tão importante refletir sobre o fato de que o moderno conhecimento institucional com a literatura é basicamente uma experiência de história literária. O historicismo e a explicação contextual parecem ter sido encarados, durante longo tempo, como formas mais ou menos naturais de aproximação à obra literária tanto mais natural e necessária parecia essa forma de compreensão, quanto mais distante ou mais próximo se encontrava o tempo de produção do objeto.

Para um objeto produzido num passado não familiar, ler historicamente era basicamente contextualizar. Uma das hipóteses do historicismo é que o melhor entendimento e avaliação de uma obra de arte são os que se obtêm com o

conhecimento das condições sócio-culturais em que foi produzida e recebida, quando não da intencionalidade que a originou. Por outro lado, mesmo para um objeto contemporâneo, a perspectiva histórica sempre pareceu a mais rica, pois ler historicamente é antes de tudo buscar parâmetros para mapear o campo da ocorrência, e nele buscar uma justificação, bem como critérios de eleição e de recusa, a partir da identificação da origem.

Nos meados de 1923, Walter Benjamin<sup>9</sup> se contrapôs aos conceitos positivistas da história, pois, segundo o autor, a verdadeira idéia de passado nos atravessa num desenho fugaz. O passado seria apreendido como uma imagem subitamente iluminada no momento de seu reconhecimento, e que não poderia voltar mais. Sendo assim, toda imagem do passado seria irrecuperável, ou seja, se houvesse uma recuperação, ela só poderia se dar através da reconstituição dos seus fragmentos históricos. Para Benjamin, história não é um lugar vazio e homogêneo, mas um tempo preenchido pelo presente, sendo improvável a reconstrução de um passado num transcurso linear e progressivo.

Walter Benjamin<sup>10</sup> acredita que a história literária na percepção historicista possui um caráter de representação oca, nada mais significando para quem a faz num tempo presente. A história da literatura necessita renunciar ao seu estatuto de museu e se colocar no mundo real, conectando a história literária à atualidade, mostrando que existem autores contemporâneos.

---

<sup>9</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BARRENTO, João (Org.). *História literária - problemas e perspectivas*. Lisboa: Apáginastantas, 1986. p.37 - 41.

<sup>10</sup> BENJAMIN, Walter. História da literatura e ciência da literatura. In: BARRENTO, João (Org.). *História literária - problemas e perspectivas*. Lisboa: Apáginastantas, 1986. p. 137 - 144.

Dessa maneira, o autor apresenta a necessidade de uma investigação através do ensino. Ao mesmo tempo, Benjamin mostra seu desacordo à forma como a história da literatura, vinha sendo praticada em termos de inventário de biografias de autores e obras. Para Benjamin, importa mais o estabelecimento de relações de umas obras com outras, em vez da listagem das gerações de escritores. Em suas palavras, as relações da obras literárias eram muitas distintas da continuidade que se constituía de uma geração humana para outra. O que acontece entre as épocas ou gerações literárias se torna, essencialmente, intenso, deste modo interrompendo qualquer desenho linear e contínuo.

Em 1967, Hans Robert Jauss<sup>11</sup> em uma conferência apresentada na Universidade de Constança, alertou para urgência da renovação dos estudos de história literária. Jauss defende que a história da literatura, numa perspectiva historicista, não diagnostica o impacto representado pelo aparecimento de uma obra em certo contexto. Ela não é examinada em relação ao horizonte dentro do qual foi concebida e criada. Por causa disso, perde de vista o diálogo que propõe estabelecer com a época, os demais textos, os autores contemporâneos e, sobretudo, com o público a que se dirigiu. Ao mesmo tempo, não examina o efeito desencadeado pela obra, a não ser quando analisa suas influências.

---

<sup>11</sup> JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

A tese de Jauss surge em assistência daqueles que discutem o ensino literário voltado para uma metodologia imanentista e intratextual. Percebe que os estudos meramente imanentes ao texto abandonam as questões referentes ao lugar do sujeito / leitor e condicionam-no, em sua relação com a obra, a fatores externos. Constata que, seja pela importância excessiva das fontes, ou pelo estudo da linha cronológica que envolve ambos ao estudo de uma determinada escola literária, o ensino separa a história literária das transformações do tempo presente.

O espaço reservado ao ensino de literatura, voltado para uma fileira cronológica de fatos literários pré-estabelecidos pelo historicismo, passa a ser secundário diante da nova proposta que repousa sua intenção no experimentar dinâmico de obra e leitor. Regina Zilberman<sup>12</sup> diz que a obra literária não existe sozinha, mas apresenta a cada leitor, em cada nova época, uma leitura diferente, pois esse leitor oferece um universo novo de interpretações e somente ele confere atualidade a cada obra lida. Para Jauss, a recepção sugerida permite que alguém seja capaz de dialogar com o texto na medida em que percebe a constante permuta entre passado e presente.

Das sete teses desenvolvidas por Jauss, a primeira volta-se para o caráter eminentemente histórico do texto literário. Confia que a história só se manifesta pela recepção e efeito indicado pela leitura. Acredita que a historicidade não está caracterizada nos eventos artísticos de um determinado período, mas sim quando leitor e texto se comunicam.

---

<sup>12</sup> ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

A leitura, seja de épocas passadas, de multiplicidades de percepções ou de obras diferenciadas, passa a ser o veículo propulsor de troca, que aproxima ambos no tempo, atualizando-os historicamente. Dessa forma, para uma renovação na história literária, há necessidade de terminar o objetivismo histórico em que se fundamentam as histórias literárias tradicionais.

Para não cair em interpretações arbitrárias, devido à multiplicidade de interpretação, dependente de experiências pessoais, surge a segunda tese. O impressionismo pode ser evitado desde que a oposição entre linguagem poética e linguagem prática seja observada. Jauss parte do pressuposto de que o contato com o ato criador não é permeado por um vazio informativo, portanto, não se apresenta como uma novidade absoluta.

O leitor, como um sujeito social, mantém as mais diversas relações com o mundo circundante, entre as quais, aquelas que a cultura lhe mostra como arte. Mesmo que reguladas pelas contingências, essas relações terão algo de familiar que irão assegurar o horizonte de expectativas do leitor. Dados os códigos entre o que é conhecido e o inusitado, o horizonte pode ser alterado, levando a uma nova concepção da realidade.

A tarefa da terceira tese é a reconstrução do horizonte de expectativas como revelador de caráter artístico. Surge a necessidade de avaliar a percepção estética pelo grau de distanciamento a que o leitor e obra se submetem. Jauss acredita que o estético decorre da percepção que o distanciamento é capaz de provocar no leitor. A

distância é um elemento móvel que equivale ao intervalo entre a obra e o horizonte de expectativas do público, isto é, aquilo que é familiar deve ser confrontado com que o texto literário traz de inovador.

Segundo Jauss, a quarta tese resgata o processo de comunicação, pois o texto responde à necessidade do público com o qual dialoga. Necessita-se reconstruir o horizonte de expectativas à luz do qual o texto literário foi criado e recebido, viabilizando as perguntas que foram respondidas no passado e que, na época de sua aparição, foram percebidas e compreendidas.

O reconhecimento de um texto se dá pela percepção das respostas dadas às questões feitas em uma determinada época e a compreensão se torna a fusão dos horizontes de expectativas, assim surgindo a diferença entre o passado e o presente. Valendo-se da lógica das perguntas e respostas, Jauss indica como as compreensões se modificam no tempo, resgatando as diferentes recepções acumuladas através da literatura.

Necessita-se do estabelecimento de uma metodologia que investigue o trabalho da literatura sob o tríplice aspecto para o sucesso das quatro teses iniciais. A primeira direção a tomar em relação à dualidade estética e histórica é deduzir que as obras não são fixas, mantendo o poder de ação, além do período de seu aparecimento.

A quinta tese parte da suposição de que o estudo diacrônico da história do texto literário se faz pelo cotejamento de avanços e recuos de diferentes recepções geradas

ao longo do tempo. O contraste entre passado e presente se constitui num novo sentido que, nesse caso, mostra-se movediço diante de alusões anteriores e atuais.

A sexta tese remete ao caráter sincrônico da obra. Ainda que a história da literatura seja organizada em uma seqüência de fatos que se constituíram como tal, no entanto para o público a recepção ocorre a partir da simultaneidade de referências passadas com as da atualidade relacionadas num mesmo horizonte. Os tempos passado e presente devem ser analisados naquilo que trazem de diferentes entre eles, a fim de descobrir os assuntos que se encontram e são reveladores de um novo modo de ver o mundo.

Jauss resgata a noção de estranhamento dos formalistas russos na sétima tese quando diz que a literatura pode desfazer o automatismo da percepção cotidiana dos leitores. Assim, a experiência da leitura pode promover uma mudança ao libertá-lo das opressões habituais, na medida, em que, através da literatura, mostra uma visão diferente do mundo em que estão acostumados. Desse modo, a sétima tese revela que o texto literário pré-forma a compreensão de mundo dos leitores, podendo levá-los a uma nova concepção de seu universo, promovendo mudanças nos comportamentos sociais.

José Luis Jobim<sup>13</sup>, um dos pesquisadores brasileiros voltados para o estudo da historiografia literária contemporânea, confia que o conceito de literatura poderia ser

---

<sup>13</sup> JOBIM, José Luís. História da literatura. In: \_\_\_\_ (Org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p.127 - 46.

permeável ao social no decorrer dos anos, ou seja, o conceito literário deveria ser transformado no decorrer dos anos, o que possibilitaria mudanças nas histórias literárias.

Exemplifica que os períodos literários definem seu conceito de literatura: assim o Arcadismo busca o simples e o bucólico, porém essa acepção não seria pertinente ao Romantismo, pois ele tencionava o nacionalismo como uma espécie de ideal literário. Para Jobim, cada época possui convenções, valores e visões de mundo, assim uma obra literária pode ser considerada literária (ou não) em função do contexto literário que se encontra inserido.

Jobim identifica as quatro questões pertinentes à história da literatura: a recepção, a descrição, a origem e a tradição. A recepção se constitui na construção da imagem da obra feita pelo leitor na sua época, ou seja, os autores e obras não são propriedades absolutas do período em que foram produzidos. As épocas literárias são concebidas como um universo de autores e obras num certo intervalo do tempo, com as devidas características inerentes ao período em questão não seriam fechadas. Nesse caso, poderia haver obras românticas ou realistas antes ou depois desse espaço temporal aberto pela periodologia.

Isso levaria a dúvidas, segundo Jobim, as histórias do Romantismo ou do Realismo deveriam registrar somente as obras da sua época temporal ou deveriam também abranger a recepção dos livros escritos antes ou depois? Deste modo,

---

acredita-se que as obras são formas que se transformam em dissemelhantes contextos e não pertencem a um passado fechado, pois diferentes leitores podem fazer novas leituras.

A descrição torna-se tarefa do historiador ao classificar as obras numa seqüência cronológica, tentando descrever o antecedente a partir do conseqüente na tentativa de representar o que vem antes a partir da imagem que está depois. As descrições históricas são submetidas não somente às implicações do passado, mas também às suas ligações com resultados e causas posteriores.

Segundo Jobim, quando se usam conceitos como períodos literários ou estilos de época para a descrição de autores e obras, deve-se possuir consciência de que esses autores, talvez não se enquadrassem assim. Por exemplo, a obra *Memórias de um Sargento de Milícias* seria enquadrada no Romantismo pelo seu autor? Sob esses mesmos aspectos, questionam-se os motivos que levaram os historiadores de literatura a classificar *Dom Casmurro* no período realista.

As origens da literatura brasileira aparecem como um crescimento em direção, ou seja, representações teleológicas a um objetivo como o cancelamento dos laços com literatura portuguesa e criação de uma literatura com identidade própria. Ao mesmo tempo, volta-se para a determinação de qual obra verdadeiramente seria a iniciadora de qual período. Por exemplo, seria *Mulato* (1881) de Aluisio Azevedo, ou *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) de Machado de Assis, a obra fundadora do Realismo no Brasil?

Jobim esclarece que se o marco inicial gera muitas preocupações, o fenecimento destes períodos não parece ser uma inquietação enfática dos historiadores, pois os termos sobre o término das épocas literárias geram uma certa vaguidão, não é explicitada uma data x ou y, mas sim, expressões como: acerca de, mais ou menos, ao redor de.

A quarta questão levaria à tradição que reprisa conceitos relevantes encontrados nos formalistas russos. Jobim justifica as mudanças dos períodos literários, uma vez que se um grande número de autores adota os mesmos procedimentos criativos e inovadores, haveria automação. Dessa forma, ao perder o caráter de novidade haveria a necessidade de mudança levando a uma troca de época literária.

Dentro da tradição, analisam-se as questões do cânone, (um conjunto de obras clássicas, as obras-primas dos grandes mestres). Essa escolha seria ideológica, na maioria das vezes, ligadas às questões de poder. Assim, a seleção do cânone não é aleatória, mas adota determinadas visões de mundo e preceitos em detrimento a outras. A exclusão ou a aceitação de certo cânone e essa seleção levaria a diversas histórias da literatura.

Roberto Acizelo de Souza <sup>14</sup>, outro crítico brasileiro da história da literatura, discute a construção das razões que levaram a história da literatura ao sucesso no

---

<sup>15</sup> SOUZA, Roberto Acizelo de. A idéia de história da literatura: constituição e crises. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 141 - 56.

século XIX e ao conseqüente declínio no século XX. Acizelo traça uma linha temporal em que descreve a formação dos estudos relacionados com a história da literatura do século XVIII. Uma história literária baseada na integralidade narrativa, reconstrução dos eventos em ordem linear, tentativa de explicação de uma época com base nos antecedentes e de acordo com condicionamentos ou determinantes psicossociais, políticos ou religiosos, vincula-se à promoção da história da literatura como ciência.

Conforme Acizelo, os motivos que levaram ao sucesso a idéia oitocentista de ensinar história literária foram à expansão do capitalismo burguês e o provável acirramento das diferenças sociais que induziu à criação de um modelo historiográfico, também a associação da disciplina com nacionalismo que seria o cerne do romantismo. Do mesmo modo, a concretização de certo modelo científico se espalhou em todas as áreas de ensino com o surgimento das correntes filosóficas científicas (positivismo, evolucionismo, determinismo) e a percepção de passado, institucionalizado pelo Romantismo como um tempo perfeito levou a exaustão à forma historiográfica do século XVIII.

Acizelo aponta que o entendimento da história da literatura como ciência a afasta das humanidades, característica inerente das disciplinas literárias, pois a história literária como uma ciência preconiza os fatos com efeitos e causas determináveis vinculando-se ao biografismo, psicologismo e filologia. Assim, mesmo sendo institucionalizado nos órgãos de educação, esse modelo historicista de ensino da história da literatura entrou em decadência no século XX.

Os fatores como o abandono das ciências históricas e o surgimento do estruturalismo, entre outros, oportunizaram a perda do paradigma historicista. Dessa forma, a história da literatura se viu questionada quanto ao gênero, pois se conservou fiel ao caráter linear da narrativa tradicional; a linguagem, uma vez que se mantinha como um instrumento burguês atrelado ao propósito da consagração de um cânone igual para todos que perpetuasse a classe burguesa. Assim acontecia a exclusão de todos os escritores e obras que não se enquadrassem num padrão comum e homogêneo.

No século XX, a revitalização da história da literatura leva ao questionamento do historicismo nos seguintes critérios: o passado não é acessível na sua versão original, mas, nos seus vestígios textuais, ou seja, os períodos literários não se constituem fatores homogêneos e imutáveis. Entende-se que a neutralidade e a objetividade são ilusões nos estudos históricos, a matéria passada se revela a partir de intenções situadas num tempo presente e diferente.

### **1.3 História da pesquisa**

O ensino de literatura no Ensino Médio é motivo de preocupação e pesquisas. Busca-se a modificação do quadro de queixas que alunos e professores expressam em relação a um ensino de literatura numa linha historiográfica, com uma visão cronológica crescente do menor ao maior, que empiricamente se sabe, transforma a literatura num ensino enciclopédico de períodos, autores e obras.

Sendo assim, volta-se para uma pesquisa que se fundamenta a partir das seguintes questões norteadoras: Que conceito da história da literatura é possível delinear a partir da avaliação dos parâmetros curriculares nacionais? Quais os conceitos de história da literatura que orientam os livros didáticos e os planos de literatura no Ensino Médio? Que orientações podem ser propostas para uma reformulação na disciplina de literatura, no Ensino Médio.

Visando um levantamento sobre o ensino de literatura no Ensino Médio, objetiva-se a realização de um estudo de caráter descritivo-analítico, com a finalidade de levantar os problemas existentes. Para isso, propõe-se, em primeiro lugar, a apresentação e a avaliação dos documentos (Parâmetros Curriculares Nacionais) que regem o Ensino Médio, no País, a seguir, volta-se para a exposição e a análise dos conteúdos programáticos e as indicações das leituras de ficção e metodologias propostas nos três anos do Ensino Médio, do mesmo modo, remete-se às descrições e as considerações sobre os livros didáticos definidos pelas escolas.

O campo de investigação desta pesquisa abrangeu quatro escolas de Ensino Médio de Porto Alegre, do turno diurno e o material coletado foi o utilizado no ano de 2005. Da rede pública, foram consideradas Centro Estadual de Formação de Professores General Flores da Cunha, localizada no bairro Farroupilha. Também, a Escola Estadual de Ensino Básico Professor Oscar Pereira, situada no bairro Jardim Cascata, da rede particular contribuiu a Escola de Ensino Básico Rainha do Brasil situada no bairro Santo Antonio e a Escola Técnica Meta localizada, no centro.

Escolheu-se o Ensino Médio, pois é o único nível escolar que trabalha a Literatura de forma autônoma. As séries sugeridas para investigação foram as primeiras, segundas e terceiras do Ensino Médio. A alternativa pelas séries, independente do terceiro ano, estar vinculado ao um caráter utilitário de vestibular, deve-se ao interesse da pesquisa em obter materiais sobre o ensino literário que envolvesse todas as séries do Ensino Médio, para posterior análise do conceito de história literária que se concentra na disciplina de literatura no *corpus* selecionado para este trabalho de investigação.

O material selecionado para a análise abrangeu seguintes categorias: os planos de conteúdos, a metodologia aplicada à leitura dos livros de ficção indicados para o ano letivo, e do mesmo modo, os livros didáticos usados no Ensino Médio. Os procedimentos adotados nortearam-se pela aplicação de um instrumento aos professores de literatura dos três anos do Ensino Médio diurno nas escolas selecionadas.

Assim, essa amostra abarcou um universo de quatro professores do ensino particular de Porto Alegre e quatro professores do ensino público de Porto Alegre que responderam as seguintes questões: nome do livro didático, nomes dos livros literários indicados para os três trimestres do ano letivo e metodologia aplicada após ou durante a leitura dos livros de ficção. Em relação aos planos/programas de conteúdos e grades curriculares da disciplina de literatura<sup>15</sup>, adotou-se uma estratégia diferente, foram

---

<sup>15</sup> Indicação dos períodos da disciplina de Literatura nos três anos do Ensino Médio.

coletados junto aos supervisores ou vice-diretores das escolas particulares e públicas envolvidas na pesquisa.

O primeiro contato com as referidas escolas foi feito através de suas coordenadoras pedagógicas e ou vice-diretores, que tomaram para si a tarefa de entregar os planos/programas de conteúdos e grades curriculares, também indicar as séries solicitadas e os professores que contribuiriam com a pesquisa. Aos professores indicados pelas escolas explicitou a natureza do trabalho e a necessidade de que fossem levantadas por eles, as indicações dos livros didáticos, livros de ficção e as respectivas propostas metodológicas utilizadas para eles, no ano letivo de 2005.

O material coletado nas escolas foi dividido em dois blocos: os planos de conteúdos, indicações de leituras e atividades e os livros didáticos. Primeiramente, fez-se uma leitura criteriosa dos conteúdos por redes particular e pública. Então, após as leituras e levantamentos das semelhanças entre os conteúdos das escolas das redes. Observou-se que os conteúdos das escolas particulares eram semelhantes, do mesmo modo, os das escolas públicas. Então, partiu-se para uma descrição dos conteúdos listados das duas escolas particulares juntas, igualmente os da escola pública. Em relação às leituras e metodologias, também, separou-se por rede.

Do mesmo modo, foi feita uma leitura dos livros didáticos indicados pelas escolas, escolheu-se fazer uma descrição de cada livro arrolado na pesquisa. Nessa apresentação será priorizado num primeiro olhar, os enfoques das questões de conceito da literatura, os gêneros literários, a periodologia, autores e obras, se usam

textos completos ou fragmentos e a tipologia dos exercícios. Na segunda descrição, remete-se ao modernismo na parte final dos livros. Dos Parâmetros Curriculares Nacionais, se fez uma leitura e se delineou as questões relacionadas à história da literatura e as competências estabelecidas para a disciplina de Literatura no Ensino Médio.

### **1.3.1 Escolas da rede particular**

As escolhas pelas quatro escolas, incluindo as redes particular e pública da cidade de Porto Alegre não foram aleatórias, uma vez que foi pautada pelo conhecimento anterior ao início da pesquisa, que essas escolas possuíam interesse neste tipo de investigação. Principalmente, suas coordenações e direções eram acessíveis aos trabalhos de pesquisas associadas às universidades.

A Escola de Educação Básica Rainha do Brasil foi fundada em 1956, situa-se no bairro Santo Antônio em Porto Alegre, registra acerca de novecentos dezesseis alunos com o ensino centrado da Educação Infantil ao Ensino Médio. É um estabelecimento de orientação religiosa da ordem Franciscano-Aparecida que se propõe a conciliar cultura e espírito evangélico.

Na sua base curricular<sup>16</sup>, a escola destina para a disciplina literatura um período semanal nas segundas séries e dois períodos semanais nos terceiros anos do Ensino

---

<sup>16</sup> Documento que demonstra a carga horária determinada para cada disciplina nas escolas de ensino básico conforme a legislação vigente da lei de Diretrizes e Bases da educação nacional.

Médio. Ao mesmo tempo são oferecidos para os primeiros e segundos anos, três períodos de aulas semanais na forma de oficinas de literatura ministradas no turno inverso à das aulas regulares, visando à complementação de leituras ou ao reforço da aprendizagem.

A Escola Técnica Meta criada em 1996, situa-se no Centro de Porto Alegre, registrando uma matrícula média de trezentos e cinquenta alunos. A Escola Técnica Meta denota algumas diferenciações da escola citada anteriormente, pois se constitui numa escola leiga, não professando nenhuma orientação religiosa, o regime escolar é semestral e possibilita matrículas por disciplinas.

A base curricular para a disciplina Literatura se compõe de quatro períodos semanais divididos, respectivamente, entre os segundos e terceiros anos. Nos primeiros anos não há oferecimento de ensino literário separado da língua portuguesa. Na carga horária semanal, são oferecidas aulas de redação, mas não possuem vínculos com literatura, conforme informações da supervisão da referida escola.

No instrumento de pesquisa aplicado às duas escolas da rede particular se perguntou o nome do livro didático de literatura que eram indicados aos alunos ou que norteou os trabalhos docentes. Os professores indicaram na Escola Rainha do Brasil, o livro *Literatura Brasileira*<sup>17</sup>, dos autores paulistas Willian Roberto Cereja e Tereza Cochar Magalhães, do ano de 2004, é recomendado aos alunos nos três anos do Ensino Médio, para manuseio diário em aula.

---

<sup>17</sup> CERREJA, Willian Roberto, MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Literatura Brasileira*. São Paulo: Atual, 2004.

A Escola Técnica Meta citou na investigação o livro *Literatura produção de textos & gramática*<sup>18</sup>, dos autores Samira Yousseff Campedelli e Jésus Barbosa Souza também de procedência paulista do ano de 1999. Nesse colégio, segundo as informações da supervisão da escola, não há sugestão de livros didáticos para os alunos. Desse modo, a recomendação bibliográfica que orienta a atuação do professor de literatura dos segundos e terceiros anos se dá através das escolhas literárias do docente da disciplina.

### **1.3.2 Escolas da rede pública**

Das escolas da rede pública, contemplou-se o Centro Estadual de Formação de Professores General Flores da Cunha<sup>19</sup>, criado em 1870, localizado no bairro Farroupilha em Porto Alegre, tem aproximadamente dois mil e oitocentos alunos nos três turnos da escola. É oferecido o ensino básico nas seguintes modalidades, Educação Infantil, Fundamental, Médio, nos três turnos e os cursos técnicos Normal e Pós-Médio centrados na formação de professores. O nosso objeto de estudo foi, unicamente, os três anos do Ensino Médio diurno. A grade curricular da escola destina para a disciplina de literatura no Ensino Médio seis períodos semanais distribuídos, igualmente, para os três anos do Ensino Médio.

---

<sup>18</sup> CAMPEDELLI, Samira Yousseff, SOUZA Jésus Barbosa. *Literatura produção de textos & gramática*. São Paulo: Saraiva, 1999.

<sup>19</sup> Antigo Instituto de Educação General Flores da Cunha que passou a se chamar Centro Estadual de Formação de Professores General Flores da Cunha, a partir da data 10/12/2003.

A Escola Estadual de Ensino Médio Professor Oscar Pereira, fundada em 1960, está localizada no Jardim Cascata em Porto Alegre. Possui aproximadamente um mil quinhentos e dez alunos distribuídos nos três turnos, nas modalidades: Educação Infantil, Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos. O Ensino Médio desse colégio é, relativamente recente, pois, iniciou em 2004, segundo orientações da diretora da instituição, não tendo, portanto alunos de terceiro ano, ainda. Na grade curricular constam cinco períodos semanais para a disciplina literatura, quatro aulas são oferecidas aos dois primeiros anos e o período restante se destina ao terceiro ano.

No instrumento aplicado às duas escolas da rede pública se questionou os nomes dos livros didáticos de literatura que eram recomendados para as aulas de literatura no Ensino Médio. Os professores indicaram, no Centro Estadual, o livro: Português: Língua, literatura, produção de texto<sup>20</sup>, das autoras Maria Luiza Abaurre, Marcela Pontara e Tatiana Fadel de procedência paulista do ano de 2004. Conforme consultas nas listas de materiais, o livro didático é recomendado aos alunos nos três anos do Ensino Médio, para uso em aula.

Na Escola Estadual Oscar Pereira, os professores mencionaram na pesquisa o livro didático de literatura, Curso básico de Português<sup>21</sup>, livro de procedência paulista do ano de 2000. Esse livro didático, conforme informações da diretora da instituição, é usado nos três anos do Ensino médio pelos alunos, em aula.

---

<sup>20</sup> ABAURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela Nogueira; FADEL, Tatiana. *Português: língua, literatura, produção de texto*. São Paulo: Moderna, 2004.

<sup>21</sup> CADORE, Luís Agostinho. *Curso básico de Português*. São Paulo: Ática, 2000.

Notou-se, nas escolas investigadas, o interesse em participar, assim como no levantamento dos materiais pedidos pela pesquisadora. Sendo assim, expostos os dados de cada escola e as indicações dos livros didáticos, parte-se para uma análise descritiva dos materiais relacionados para esta investigação.

## **2 DIÁLOGO COM A ESCOLA**

### **2.1 Parâmetros Curriculares Nacionais**

As mudanças na sociedade, a partir da década de setenta, com a consolidação do estado democrático, as novas tecnologias e as modificações na produção de bens, serviços e conhecimentos apontam a necessidade de a escola integrar o aluno ao mundo contemporâneo. Assim, parte-se da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) - lei 9.394/96, para mostrar o novo perfil para o currículo do Ensino Médio baseado em competências básicas para a inserção dos jovens na vida adulta.

A lei propõe que o Ensino Médio seja destinado à formação geral, em oposição à formação específica, promovendo o desenvolvimento de capacidades como: pesquisar, buscar informações, e também analisá-las e selecioná-las. O educando, nesse nível, deve ter a capacidade de aprender, criar e formular, ao invés do simples exercício de memorização. Esses objetivos, determinados pela a LDB, conferem uma nova identidade ao Ensino Médio, determinando que ele é a etapa final da educação básica no País, dessa forma, preparando o jovem para a vida adulta. Os Parâmetros

Curriculares Nacionais (PCNs)<sup>22</sup> surgem em 1999, com base na LDB., com o duplo papel de difundir os princípios da reforma curricular e orientar o professor. Ao mesmo tempo, os PCNs viriam para corrigir um ensino descontextualizado e evitar a compartimentalização na educação. Essa mudança seria feita, através da superação das disciplinas estanques, revigorando-as num processo permanente de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade com a base curricular nacional organizada por áreas de conhecimentos.

Essa concepção curricular não elimina o ensino de conteúdos específicos, mas, acredita que os mesmos devem fazer parte de um processo global com varias dimensões articuladas. As áreas se dividem em três: Linguagem, Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; e Ciências Humanas e suas Tecnologias. A área da Linguagem, Códigos e suas Tecnologias envolvem as disciplinas Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Artes e Educação Física.

A disciplina de Literatura nos PCNs, não possui autonomia, uma que se apresenta interligada ao ensino da Língua Portuguesa. Contudo, pode-se delinear o que se espera dos professores de literatura, no Ensino Médio. Questionam-se, nos documentos, a importância de analisar a origem dos gêneros, das estéticas literárias e a inserção no contexto de produção/ recepção, também as escolhas estilísticas dos autores

---

<sup>22</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO: Secretária de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 1999. p.137 -45.

projetadas pela sua época literária e as diferenças entre os gêneros literários em relação à forma e época em que foram escritos.

Os poemas escritos em diferentes épocas apresentam especificidades próprias. Comparar os recursos expressivos intrínsecos a cada manifestação da linguagem e as razões das escolhas, sempre que for possível, permite aos alunos saber diferenciá-los e inter-relacioná-los. (PCNs, 1999, p..129)

Por outro lado, nota-se que abordagem sobre os termos literários e não-literários aparecem vinculados a uma questão principal: o que seria literário para um aluno de Ensino Médio? Esse questionamento é exemplificado com poemas dos autores Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes que seriam textos literários e uma listagem de textos não-literários como: contas de bancos, bilhetes e, afirmam-se, nos documentos, que os alunos não diferenciam a literariedade não, desses textos aludidos.

O documento enfatiza o ensino da literatura como recuperação de diferenças e da brasilidade. O autor Guimarães Rosa surge, nos documentos, com um exemplo de mundo simbólico verbalizado através da sua obra. Guimarães Rosa adentrou ao interior de Minas Gerais para mostrar os cenários diferentes, modos de agir, pensar e, principalmente, de falar. Enfim, desvenda uma bagagem cultural que resgata a brasilidade levando o leitor às raízes e destruindo visões pré-concebidas, assim como legitimou acordos e condutas sociais, por meio da literatura.

Percebe-se que a história da literatura surge deslocada para um segundo plano, no momento em que a disciplina literatura perde autonomia e se integra à área de

leitura. No que se refere, especificamente, à história da literatura, os PCNs discutem a sua estaticidade e dispõem o seguinte:

A história da literatura costuma ser o foco da compreensão do texto: uma história que nem sempre corresponde ao texto que lhe serve de exemplo. O conceito de texto literário é discutível. Machado de Assis é literatura, Paulo Coelho não? As explicações não fazem sentido para o aluno. (PCNs, 1999, p. 137)

As competências e as habilidades que constam nos PCNs a serem desenvolvidas nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura para o nível médio são as seguintes:

Tabela 1

As competências e as habilidades que constam nos PCNs a serem desenvolvidas nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura para o nível médio

Competência	Habilidades
Representação e comunicação	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Confortar opiniões e pontos de vistas sobre as diferentes manifestações da linguagem verbal</li> <li>● Compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna geradora de significado e integradora da organização do mundo e da própria identidade.</li> <li>● Aplicar a tecnologias de comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes da vida.</li> </ul>

Tabela 1

As competências e as habilidades que constam nos PCNs a serem desenvolvidas nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura para o nível médio. (continuação)

Competência	Habilidades
Investigação e Compreensão	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="616 692 1303 1017">● Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura, de acordo com as condições de produção, recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação das idéias e escolhas, tecnologias disponíveis).</li> <li data-bbox="616 1106 1303 1313">● Recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial.</li> <li data-bbox="616 1402 1303 1549">● Articular as redes de diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita e seus códigos sociais, contextuais e lingüísticos</li> </ul>

Tabela 1

As competências e as habilidades que constam nos PCNs a serem desenvolvidas nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura para o nível médio. (continuação)

Competência	Habilidades
Contextualização sócio-cultural	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="616 814 1303 1079">● Considerar a Língua Portuguesa como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e como representação simbólica de experiências humanas manifestas nas formas de sentir, pensar e agir na vida social.</li> <li data-bbox="616 1168 1303 1373">● Entender os impactos das tecnologias da comunicação, em especial da língua escrita, na vida, nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.<sup>23</sup></li> </ul>

Em resumo, nota-se que a disciplina de Literatura aparece nos documentos dos PCNs inserida numa área de conhecimento, sendo atrelada a Língua Portuguesa. Ainda assim, pode-se delinear a relevância dos estudos literários na formação dos alunos no nível médio.

<sup>23</sup> PCNs, op.cit., nota 22. p. 145

## **2.2 Planos de Conteúdos e leituras**

Os planos de conteúdos no Ensino Médio são propostos, anualmente, para orientar as atividades docentes nas instituições de Porto Alegre. Escolheu-se fazer a descrição dos planos de conteúdos das redes particular e pública, separadamente, para uma melhor compreensão dos assuntos literários estudados nas escolas de Ensino Médio. Sendo assim, parte-se para análise dos materiais coletados nas instituições, iniciando pelas escolas da rede particular de Porto Alegre, seguindo-se, as da rede pública de Porto Alegre.

As exposições dos conteúdos das séries serão feitos na ordem crescente e as especificações em relação aos planos de conteúdos expostos serão feitos no final de cada série. Do mesmo modo, os diferenciais de cada escola da rede particular ou pública serão elucidados ao término de cada série mencionada. Ao término das apresentações dos conteúdos de cada rede particular ou pública serão listados os objetivos que os planos definem para o ensino da literatura nas escolas em se procedeu à pesquisa.

### 2.2.1 Uma abordagem na rede particular

Os planos/programas de conteúdos que orientam as duas escolas particulares pesquisadas denominam-se de planos de conteúdos, não há variações em relação aos nomes. Apresentam uma longa listagem de temas/conteúdos sem separação por trimestres. Os objetivos expostos para a disciplina de literatura aparecem de forma generalizada para os três anos do Ensino Médio.

Definem-se, nos planos de conteúdos, referentes aos primeiros anos/séries, os eixos temáticos direcionados às funções da linguagem e às figuras de linguagem aplicados à produção textual de canções e poesia. Especifica-se o conceito de literatura e a diferenciação entre língua literária e não-literária, assim como, estudam-se os gêneros literários na tríade dramático, lírico e narrativo, menciona-se o interesse na produção textual de roteiros vinculados ao gênero dramático. Em relação à periodização literária, indicam-se a primeira época da história da literatura portuguesa, com as manifestações literárias do Trovadorismo, Humanismo e o Classicismo. Dentre os autores especificados para estudo, nessa série, estão Gil Vicente e Luís Vaz de Camões.

O Trovadorismo inicia-se em 1198 (ou 1189)<sup>24</sup>, quando trovador Paio Soares de Taveirós dedica uma cantiga de amor e escárnio a Maria Pais Ribeiro. Esse movimento finda em 1418, quando D. Duarte nomeia Fernão Lopes para o cargo de Guarda - Mor

---

<sup>24</sup> MOÏSES, Maussad. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1987.

da Torre do Tombo, durante esses duzentos de atividade literária, cultivaram-se a poesia, na forma de cantigas, a novela de cavalaria e os cronicões e livros de linhagens. O Humanismo começa em 1418, com a indicação de Fernão Lopes.

Esse movimento termina em 1527, quando Sá de Miranda retorna da Itália, e incentiva a implantação das idéias humanísticas, a historiografia e a prosa doutrinária, a poesia, o teatro e a novela de Cavalaria. O Classicismo começa em 1527 com a proposição dos novos ideais estéticos por Sá de Miranda e termina em 1580 com a morte de Luís Vaz de Camões. Objetivava a imitação dos gregos e latinos e a poesia, a historiografia, a literatura de viagens, teatro Clássico.

Nos planos de conteúdos, em relação ao Trovadorismo, não se indicam autores ou textos que serão estudados, do mesmo modo, não se mencionam as características formais das cantigas como: linguagem, temática e as divisões delas em cantigas líricas (amor e amigo) e satíricas (escárnio e maldizer). Também no Humanismo não se especificam quais poemas e autos devem ser estudados, como não há referências às características formais do teatro de Gil Vicente. Em relação à poesia épica e lírica de Camões, não se especificam quais textos e características literárias serão analisadas no decorrer do ano letivo dos primeiros anos do Ensino Médio.

Percebe-se pela grade curricular<sup>25</sup> das duas escolas particulares em que se procedeu à pesquisa, que os primeiros anos inserem-se as disciplinas de Literatura e

---

<sup>25</sup> Documento das escolas que contém os componentes curriculares e a carga horária das disciplinas.

Língua Portuguesa no mesmo eixo ou área temática<sup>26</sup>. Contudo, nota-se, pelos documentos investigados, que a Escola de Ensino Básico Rainha do Brasil reserva um espaço para o ensino literário. A Escola Técnica Meta, por sua vez, não direciona para os primeiros anos o ensino literário, segundo os planos de conteúdos e as orientações da supervisão da escola.

Os conteúdos programáticos das escolas particulares se voltam para a Literatura Brasileira nos segundos anos. Os estilos epocais indicados para essa série se vinculam às primeiras manifestações de literatura no Brasil, no século XVII, como a literatura informativa, o Barroco, o Arcadismo. Em relação aos autores da literatura informativa, cita-se o Padre Jose Anchieta, entre os barrocos, indicam-se o poeta Gregório de Matos e Padre Antonio Vieira, entre os árcades, os líricos Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga, Silva Alvarenga e os épicos Basílio da Gama e Santa Rita Durão.

Do mesmo modo, os conteúdos dos segundos anos remetem para uma periodização do Brasil pós-independência com privilégio no Romantismo. Os programas dividem os autores do Romantismo em poetas e romancistas. O estudo dos poetas inicia-se com as especificações das três gerações literárias. Da primeira geração, citam-se os poetas Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias; da segunda, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Junqueira Freire; da terceira, Castro Alves.

---

<sup>26</sup> Eixo temático é um termo usado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para definir conteúdos, temas ou assuntos.

Os romancistas agrupam-se em urbanos e regionais. Dos romancistas urbanos, citam-se os autores Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar e Manuel Antônio de Almeida; dos romancistas regionalistas, nomeiam-se Bernardo Guimarães, Franklin Távora, Visconde de Taunay. Do mesmo modo, referencia-se o teatro romântico de Martins Pena.

Nos programas de conteúdos dessa série aparecem também os estudos conectados a uma periodologia que relaciona as tendências anti-românticas realistas, naturalistas e parnasianas. Do estudo dos autores realistas, mencionam-se Machado de Assis e Raul Pompéia; dos naturalistas, Aluisio de Azevedo, Adolfo Caminha e Inglês de Souza. Dos poetas parnasianos, cita-se a tríade Olavo Bilac, Alberto Oliveira e Raimundo Correa.

Ao longo do século XVI, foram produzidos na Colônia textos que visavam a fornecer à metrópole o perfil da nova descoberta, sendo o primeiro deles a Carta de Pero Vaz de Caminha. Considera-se essa carta, a certidão de nascimento da literatura no Brasil. Esses primeiros relatos, diários e cartas constituíram-se no início da literatura informativa no Brasil. Do mesmo modo, a literatura de catequização aos índios feitos pelos jesuítas através do teatro, também está incluída nessa época literária.

O Barroco inicia em 1601, com o poema épico *Prosopopéia*, de Bento Teixeira, e os textos literários produzidos foram poesias e sermões. Entra em decadência em 1768, com a publicação das *Obras*, de Cláudio Manuel da Costa, que dá início ao Arcadismo. Criam-se textos de poesia épica contando fatos da nacionalidade do País e

de poesia lírica pastoril. Desenvolve-se até 1836, quando Gonçalves de Magalhães publica *Suspiros Poéticos e Saudades*, abrindo a época romântica no Brasil.

No movimento do Romantismo foram feitas poesias épicas e líricas, teatro, contos e escreveu os primeiros romances brasileiros nessa época. A saturação da literatura romântica marca-se com a publicação de dos livros *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis e *O Mulato* de Aluisio Azevedo em 1881, dando abertura aos períodos literários do Realismo e Naturalismo. Os textos literários dessa época são, basicamente, contos e romances. A finalização se daria com o início do Pré-Modernismo em 1922. O movimento do Parnasianismo produziu poesias e apresenta a obra *Fanfarras* de Teófilo Dias, em 1882, como seu marco inicial, estendendo-se até o século XX.

Verificam-se nos planos de conteúdos dos segundos anos que não se indicam os nomes das obras (poemas, contos, romances) dos autores mencionados para o estudo nessa série. Há, somente uma indicação para estudo do autor Machado de Assis e as obras das duas fases. Ao mesmo tempo, existem referências sobre o estudo de contextos históricos relacionados a cada época literária. Igualmente, mencionam-se o trabalho com as características literárias dos períodos e autores trabalhados. Aparece, ainda, a periodologia literária enfocando o Realismo e Naturalismo português nessa série, mas não se nomeiam os autores ou obras estudados.

Nota-se, nos planos de conteúdos da Escola Meta, algumas diferenciações da escola anterior como: uma citação sobre o estudo do Trovadorismo, Humanismo e Classicismo nos segundos anos, não se mencionam autores ou obras. Além disso, sugere-se o estudo literário relacionado à intertextualidade, paráfrase e paródia, contudo, não se especifica como é produzido esse conhecimento, se através da produção textual ou somente teoricamente. Recomenda ainda, o aproveitamento da história da música popular brasileira em relação aos períodos literários, contudo, não se explica de que maneira são abordadas as afinidades entre a história da música popular brasileira e a história da literatura.

Nos conteúdos para a terceira série, verifica-se a ênfase no Simbolismo, um movimento poético que representa uma ruptura artística radical com a mentalidade cultural do Realismo e Naturalismo. Dos poetas simbolistas, mencionam-se Cruz e Souza, Alphonsus Guimaraens, Eduardo de Guimaraens. Igualmente, consta nos materiais, o movimento Pré-modernismo que se constitui num período transitório entre a literatura do século XIX e as mudanças trazidas pelo advento do Modernismo. Dos romancistas e contistas, citam-se Euclides da Cunha, Graça Aranha, Lima Barreto, Monteiro Lobato, e do poeta Augusto dos Anjos.

Os planos de conteúdos enfatizam os antecedentes do Modernismo com a citação dos estudos das vanguardas européias e a Semana de Arte Moderna no Brasil. As gerações modernistas aparecem por critérios temporais: a geração de vinte e dois, de trinta, de quarenta e cinco, de setenta. A primeira geração possui um teor combativo e surge com novas propostas para a literatura. Dentre os autores, elencam-se Mário de

Andrade, Oswald de Andrade, Raul Bopp, Cassiano Ricardo, Antonio de Alcântara e Plínio Salgado. Surge também a segunda geração e seu engajamento social representada pelos os autores Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Cyro dos Anjos, Marques Rebelo.

Nos programas de conteúdos para essa série, nota-se, que alguns escritores são listados a parte, por exemplo, os poetas da primeira e segunda geração moderna foram indicados separadamente. Dos poetas da primeira geração, elencam-se Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Murilo Mendes, da segunda, listam-se Cecília Meireles, Vinicius de Moraes e Carlos Durmond de Andrade. Não constam explicações nos documentos, os motivos desse isolamento.

Os materiais mostram, ainda, a geração de quarenta e cinco com uma temática agrária e os romancistas, poetas e dramaturgos juntos numa mesma seqüência, desse modo, elencam-se João Cabral de Mello Neto, João Guimarães Rosa, Ariano Suassuna e João Ubaldo. Da ficção da crise dos anos setenta e oitenta, mencionam-se os romancistas e cronistas, seqüencialmente, Rubem Fonseca, José J. Veiga, Lygia Fagundes Telles, Dalton Trevisan, Clarice Lispector, Antonio Callado e Fernando Sabino. A partir da década de oitenta, quando se aproxima muito do presente dos leitores, a literatura é englobada sob o termo: novas tendências da literatura da atualidade.

O movimento Simbolista no Brasil inicia com a publicação de *Missal e Broquéis*, de Cruz e Souza, e termina por volta de 1902. Essa época literária foi, essencialmente, poética. A publicação de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, em 1902, mostra o princípio do movimento transacional do Pré-Modernismo. Produziram-se, poemas, contos e romances, nessa época. O termino se dá em 1922 com a realização da Semana de Arte Moderna, em São Paulo.

Especificam-se, no Modernismo, a separação por gerações em que são designadas datas, autores e características para cada uma delas. Nota-se, a partir da terceira geração ou quarenta e cinco, a entrada de expressões como: contemporâneo ou pós-moderno, sem maior explicitação do significado ou da validade dos termos na literatura brasileira. Os textos inerentes a essas épocas literárias foram poemas, contos, romances e teatro.

Os planos de estudo para aplicação aos terceiros anos do Ensino Médio das duas escolas da rede particular, voltam-se para a literatura gaúcha, citando os nomes dos autores que compõem o cânone contemporâneo como: Simões Lopes Neto, Erico Veríssimo, Dyonélio Machado, Cyro Martins e Mário Quintana. A relação não inclui, sugestões de obras (poemas, teatro, conto ou romances) para serem trabalhados na disciplina.

Em relação aos terceiros anos, Escola Meta apresenta algumas diferenças da escola anterior. Por exemplo, menciona em seus materiais o estudo do Simbolismo Português, sem definição de quais autores serão estudados. Também cita o termo pós-

modernismo como o último item do plano de conteúdos dos terceiros anos. Enquanto na Escola Rainha do Brasil se nomeia gerações de setenta e oitenta e termina os conteúdos dos terceiros anos citando as novas tendências da literatura da atualidade

Os planos de conteúdos são construídos de uma forma que definem as habilidades, as competências e os conteúdos de cada disciplina. Ou seja, o ensino literário vincula-se a um fim utilitário. Nas duas escolas da rede particular citadas, notou-se que Escola técnica Meta nos seus materiais não apresentou competências ou habilidades, havia uma listagem de conteúdos, materiais didáticos e um cronograma de atividades previstas. No entanto, a Escola Rainha do Brasil, voltou-se para as habilidades e competências, especificando-os em: Levar o aluno a perceber e fruir criticamente o texto artístico enquanto produto estético inserido numa realidade cultural e histórica. Ler as obras de literatura dentro do seu contexto histórico.

Verificaram-se, nos planos de conteúdos, que constam as recomendações de leituras aos alunos, entretanto não se apontam os livros e as metodologias aplicadas a essas leituras. Para buscar subsídios para essa resposta, aplicou-se um instrumento de investigação aos professores de literatura, contendo as seguintes perguntas: nomes dos livros literários indicados para os três trimestres do ano letivo e metodologia aplicada após ou durante a leitura dos livros de ficção. Nos primeiros anos, indicaram-se os seguintes livros para os três trimestres: *Caminhando na chuva*<sup>27</sup>, de Charles Kiefer,

---

<sup>27</sup> KIEFER, Charles. *Caminhando na chuva*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

*Câmera na mão, Guarani no coração*<sup>28</sup>, de Moacyr Scliar, *É tarde para saber*<sup>29</sup>, de Josué Guimarães.

Quanto às propostas metodológicas, elas variaram de série para série. Para o primeiro ano, consistiam na escritura de um livro autobiográfico fundamentado na narrativa de Charles Kiefer e na criação de um roteiro baseado na leitura do livro de Moacyr Scliar. A organização de um seminário, para discutir a evolução política e social do País baseado na leitura do livro de Josué Guimarães. As duas primeiras propostas de trabalho visavam à apresentação na feira do livro e no festival Carlitos de curta metragem, dois eventos realizados na instituição.

Em relação ao segundo ano, as leituras se voltaram alguns livros consagrados e indicados para vestibular da UFRGS. Citam-se os livros da literatura romântica brasileira, *A moreninha*<sup>30</sup>, de Joaquim Manuel de Macedo, *Lucíola*<sup>31</sup> e *Senhora*<sup>32</sup>, de José de Alencar, e *O seminarista*<sup>33</sup>, de Bernardo Guimarães, além de livros da literatura realista brasileira *Dom casmurro*<sup>34</sup>, *Quincas Borba*<sup>35</sup>, os *Contos definitivos*<sup>36</sup>, de Machado de Assis. Também livros de autores estrangeiros: *Madame Bovary*<sup>37</sup>, de Gustave Flaubert, *O crime do Padre Amaro*<sup>38</sup>, de Eça de Queiroz das literaturas

<sup>28</sup> SCLIAR, Moacyr. *Câmera na mão, Guarani no coração*. São Paulo: Ática, 2004.

<sup>29</sup> GUIMARÃES, Josué. *É tarde para saber*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1998.

<sup>30</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. São Paulo: FTD, 1994.

<sup>31</sup> ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: Ática, 1994.

<sup>32</sup> ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: FTD, 1999.

<sup>33</sup> GUIMARÃES, Bernardo. *O seminarista*. São Paulo: FTD, 1999.

<sup>34</sup> ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Scipione, 1994.

<sup>35</sup> ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Scipione, 1994.

<sup>36</sup> ASSIS, Machado de. *Contos definitivos*. São Paulo: Scipione, 1995.

<sup>37</sup> FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1990.

<sup>38</sup> QUEIROZ, Eça de. *O crime do padre Amaro*. Rio de Janeiro. Ediouro, 1990.

realistas francesa e portuguesas. Incluem-se na relação indicações de autores gaúchos: através dos livros: *Concerto campestre*<sup>39</sup>, de Assis Brasil, *O pintor que escrevia*<sup>40</sup>, de Letícia Wierzchowski, *Duas iguais*<sup>41</sup>, de Cíntia Moscovich, *A mulher que escreveu a bíblia*<sup>42</sup>, de Moacyr Scliar.

As metodologias aplicadas às leituras explicitam-se nos seguintes procedimentos: debates sobre a narrativa dos livros e resenhas enfatizando valores da época em que os livros estavam inseridos relacionando-os a sociedade contemporânea. Aos clássicos românticos, foi solicitada uma releitura apresentando-os sob o ponto de vista do mundo romântico contemporâneo. Os textos realistas foram debatidos do ponto de vista da sociedade como um produto do meio em que estão vinculados. Ao mesmo tempo, mostram-se propostas de tarefas relacionadas à promoção de debates orais para entender as temáticas das leituras e a apresentação de seminários. Igualmente, foram feitas avaliações escritas com questões de múltiplas escolhas e dissertativas sobre as obras lidas.

Em relação aos terceiros anos nas escolas particulares, as leituras voltam-se, somente, para as obrigatórias do vestibular da UFRGS, do ano de 2005, por exemplo, citam-se *Contos gauchescos*<sup>43</sup>, de Simões Lopes Neto. *Os ratos*<sup>44</sup>, de Dyonélio Machado, *A hora da estrela*<sup>45</sup>, de Clarice Lispector, O continente, Érico Veríssimo.

---

<sup>39</sup> BRASIL, Assis. *Concerto campestre*. Porto Alegre. L& PM, 1999.

<sup>40</sup> WIERCHOWSKI, Letícia. *O pintor que escrevia*. Porto Alegre: Record, 2003.

<sup>41</sup> MOSCOVICH, Cíntia. *Duas iguais*. Porto Alegre: L&PM, 2000.

<sup>42</sup> SCLIAR, Moacyr. *A mulher que escreveu a bíblia*. Porto Alegre: cia das letras, 1999.

<sup>43</sup> NETO, Simões Lopes. *Contos gauchescos & Lendas do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

<sup>44</sup> MACHADO, Dyonélio. *Os ratos*. São Paulo: Ática. 1981.

<sup>45</sup> LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1990.

As propostas metodológicas descritas na pesquisa em relação às narrativas priorizaram os debates orais para resolução de dúvidas visando às provas de vestibulares e avaliações com questões objetivas de múltipla escolha e dissertativas. Conforme as informações dos professores, que participaram da pesquisa, a leitura dos livros literários indicados, era feita antecipadamente, pressupondo-se que ao chegar nas aulas de Literatura, as leituras estavam prontas. Essas foram às técnicas referenciadas pelas escolas particulares citadas.

### **2.2.2 Uma abordagem na rede pública**

As escolas da rede pública, também, norteiam o estudo da disciplina de Literatura através dos planos de conteúdos, mas, apresentam algumas variações em relação às escolas particulares. Dentre elas, a separação por trimestre nos planos/programas, também a nomenclatura se modifica para planos de estudos, de trabalho ou planejamento anual e os objetivos ou competências da disciplina especificam-se por trimestre.

Essas diferenciações não possuem relevância ou apresentam modificações na pesquisa, portanto a descrição dos planos de conteúdos seguirá os mesmos padrões das escolas particulares. Para evitar o caráter de repetição excessiva, não serão explicitadas as datas e obras que iniciam e terminam os períodos literários descritos, nem as tipologias textuais construídas pelas épocas literárias.

Verificam-se, nos materiais dos primeiros anos, que o foco temático recai sobre a conceituação de literatura e arte literária, explicitando as figuras de linguagens pertinentes ao estudo do texto literário, assim como, privilegia-se a diferenciação de linguagem literária e não-literária. Ao mesmo tempo, estudam-se os gêneros literários na tríade de dramático, lírico e narrativo, além disso, se especificam as tipologias de fábula, crônica, conto, novela, e os elementos estruturais próprios dessas modalidades narrativas.

Nessa série, enfocam-se os estudos do Trovadorismo em que se privilegia o estudo das cantigas e suas particularidades. No Humanismo e Classicismo especificam-se, os autores Gil Vicente e Luís de Camões. Na literatura brasileira, abordam-se as literaturas Informativa, Barroca e Arcade. Do Barroco, cita-se o autor Gregório de Matos e do Arcadismo, nomeiam-se os autores líricos Tomás Antonio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e Silva Alvarenga, e os épicos Basílio da Gama e Santa Rita Durão.

Percebem-se, nos materiais pesquisados, em relação ao Trovadorismo, que não são informados os autores ou textos que serão estudados. Também no Humanismo e classicismo não se explicitam quais poemas e autos serão trabalhados na disciplina. Do mesmo modo, não aparecem os nomes dos textos barrocos e árcades que serão objeto de estudo.

Verifica-se pela grade curricular, que os primeiros anos possuem as disciplinas de Literatura e Língua Portuguesa separadas, pois possuem uma linha ou campo temático diferente. O ensino literário possui autonomia tendo a disposição do professor duas aulas semanais. Contudo, existem algumas variações temáticas na disciplina nos primeiros anos das escolas que são: a Escola Oscar Pereira se preocupa com os elementos estruturais do poema, por exemplo, escansão, metrificacão e uso de rimas. Além disso, trabalha com autores estrangeiros, o autor português Manuel Maria Barbosa du Bocage e o espanhol Miguel de Cervantes. Enquanto, a outra escola, não se volta para os elementos estruturais dos poemas e não trabalha com autores estrangeiros.

Em relação aos segundos anos, os conteúdos remetem a uma periodização começando pelo Romantismo em que se mostra uma separação entre os poetas e os romancistas. Privilegia-se o estudo das três gerações poéticas, com características e autores. Da primeira, mencionam-se os poetas Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, da segunda, os poetas Álvares de Azevedo, Casemiro de Abreu e da terceira, o poeta Castro Alves. Dos romancistas urbanos, citam-se os autores Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar e Manuel Antonio de Almeida, dos romancistas regionalistas, nomeiam-se os autores Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay.

Os planos dessa série voltam-se para os estilos epocais do Realismo, Naturalismo, o movimento poético do parnasianismo e Simbolismo. Dos autores realistas, cita-se o autor Machado de Assis, do Naturalismo, referenciam-se os romancistas Raul Pompéia e Aluisio de Azevedo. Em relação aos poetas parnasianos

e simbolistas, mencionam-se, respectivamente Olavo Bilac, Cruz e Souza e Alphonsus Guimaraens. Ao mesmo tempo, vinculam-se a essa série os autores pré-modernos Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Lima Barreto, Simões Lopes Neto e o poeta Augusto dos Anjos.

Compreendem-se, nos segundos anos, que a escola Oscar Pereira trabalha os estilos epocais até o Romantismo, pois não se constata nos seus materiais de pesquisa, os conteúdos do Realismo, Naturalismo, Pré-modernismo e os movimentos poéticos do Parnasianismo e Simbolismo. Por outro lado, nota-se que a mesma escola estuda em seus componentes curriculares o Romantismo português, citando o poeta Almeida Garrett e o romancista Camilo Castelo Branco. Ambas as escolas públicas demonstram em seus materiais, a falta dos nomes das obras ou textos que serão estudados no decorrer do ano letivo dos segundos anos.

Os planos dos terceiros anos voltam seus os temas/conteúdos para as vanguardas européias, a Semana de Arte Moderna e as três gerações do Modernismo. Da primeira geração (1922-1930), mencionam-se os romancistas e os poetas Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Manuel Bandeira. Da segunda (1930-1945), citam-se os poetas Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Mário Quintana e Carlos Drummond, em relação aos romancistas, indicam-se José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Dyonélio Machado, Erico Veríssimo. Da terceira geração do modernismo, define-se para estudo toda a literatura a partir de 1945, nomeiam-se alguns autores como: João Guimarães Rosa, Clarice Lispector e o poeta João Cabral de Mello Neto.

Nos programas dos terceiros anos<sup>46</sup> mencionam-se o estudo dos autores portugueses Eça de Queiroz e Fernando Pessoa com a justificativa de serem autores vinculados ao vestibular da UFRGS. A literatura gaúcha aparece somente através de dois autores Simões Lopes Neto e Erico Veríssimo. Do mesmo modo, recomenda-se o estudo da história da música popular brasileira, mas não se explicitam de que maneira é trabalhado esse conteúdo.

Os planos de conteúdos apresentam objetivos ou competências norteadores do ensino literário nas duas escolas da rede pública de Porto Alegre. Na Escola Oscar Pereira, define-se os objetivos como: o desenvolvimento do hábito da leitura literária; discussão sobre as idéias da literatura, possibilitando análise da arte como um todo e a literatura como uma parte, também ler e interpretar as obras literárias e as questões trabalhadas em aula, além da compreensão do conteúdo literário e relação com o contexto social em que se inserem.

As competências definidas para orientar o ensino literário do Centro Estadual de Formação são o reconhecimento e a compreensão dos diferentes períodos literários e sua contextualização histórica; o entendimento que os períodos literários sofrem modificações nas diferentes épocas literárias e se opõem as épocas que os antecedem. Ao mesmo tempo, remetem à interpretação das leituras literárias e contextualização na época literária que pertencem.

---

<sup>46</sup> No ano de 2005, em que se levantou o *corpus* da pesquisa, a Escola Oscar Pereira não teve terceiros anos no diurno. Conforme, informações da diretora da Instituição, houve poucas matriculas para essa série, escolheu-se não abrir turmas de terceiros anos durante o dia.

Nos documentos das instituições das redes públicas, também se nota a citação de leituras literárias, mas, não se especificam quais os livros de ficção serão lidos nem são explicados os procedimentos metodológicos que seriam usados. De forma que se aplicou um instrumento de pesquisa direcionado aos professores do ensino médio público com as seguintes perguntas: nomes dos livros literários indicados para os três trimestres do ano letivo e metodologia aplicada após ou durante a leitura dos livros de ficção.

Nos primeiros anos das escolas públicas não foram recomendadas leituras literárias no primeiro ano do Ensino Médio. Os estudos de textos literários eram feitos, a partir de fragmentos de romances e poemas encontrados no livro didático. O segundo ano referenciou os livros do Romantismo brasileiro com as obras *A moreninha*<sup>47</sup>, de Joaquim Manuel de Macedo, *Lucíola*<sup>48</sup> e *Senhora*<sup>49</sup>, de José de Alencar, *Inocência*<sup>50</sup>, de Visconde Taunay, *O seminarista*<sup>51</sup>, de Bernardo de Guimarães. Ao mesmo tempo, cita-se um livro do Romantismo português, *Amor de perdição*<sup>52</sup>, de Camilo Castelo Branco. Do Realismo, indicam-se *Dom Casmurro*<sup>53</sup> e *Quincas Borba*<sup>54</sup>, de Machado de Assis. Do período naturalista, menciona-se *Ateneu*<sup>55</sup>, de Raul Pompéia, *O Cortiço*<sup>56</sup>, de Aluisio de Azevedo. Das obras pré-modernistas, especificam-se as romances *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*<sup>57</sup> e *Triste Fim do Policarpo Quaresma*<sup>58</sup>, de Lima Barreto.

---

<sup>47</sup> MACEDO, op.cit., nota 30.

<sup>48</sup> ALENCAR, op.cit., nota 31.

<sup>49</sup> ALENCAR, op.cit., nota 32.

<sup>50</sup> TAUNAY, Visconde. *Inocência*. São Paulo: FTD, 1999.

<sup>51</sup> GUIMARÃES, op. cit., nota 33.

<sup>52</sup> BRANCO, Camilo C. *Amor de perdição*. São Paulo: Atica, 1997.

<sup>53</sup> ASSIS, op.cit., nota 34.

<sup>54</sup> ASSIS, op. cit., nota 35.

<sup>55</sup> POMPEIA, Raul. *Ateneu*. São Paulo: FTD, 2000.

Os procedimentos metodológicos se modificam entre as séries, para os segundo anos foram indicados seminários em que se discutiam a temática dos livros e a relação com a sociedade em que o aluno está inserido. Do mesmo modo, privilegiaram-se debates orais sobre os livros do Machado de Assis e a sua temática na contemporaneidade, ou seja, como os alunos entendem esses temas na atualidade. Ainda foram feitas avaliações com questões dissertativas e de múltiplas escolhas com a finalidade de avaliar o entendimento das leituras feitas.

Os materiais pesquisados dos terceiros anos se conectam às recomendações das leituras obrigatórias do ano de 2005 da UFRGS. Deste modo, temos as leituras das seguintes obras: *Contos gauchescos*<sup>59</sup>, de Simões Lopes Neto, *Os ratos*<sup>60</sup>, de Dyonélio Machado, *O continente*<sup>61</sup>, de Érico Veríssimo, *A hora da estrela*<sup>62</sup>, de Clarice Lispector e *Primeiras estórias*<sup>63</sup>, de Guimarães Rosa.

As metodologias aconselhadas às essas leituras foram seminários para apresentar através uma leitura dramatizada os *Contos gauchescos*. Também se citou debates sobre o livro *Os ratos* e a temática do consumismo na atualidade. Indicou-se a criação de um sarau para apresentar a história do *Continente*. Também representações teatrais através da transformação dos textos das *Primeiras estórias* em

---

<sup>56</sup> AZEVEDO, Aluisio. *O cortiço*. São Paulo: FTD, 1999.

<sup>57</sup> BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Atica. 2003.

<sup>58</sup> BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ediouro, 2001.

<sup>59</sup> NETO, op. cit., nota 43.

<sup>60</sup> MACHADO, op. cit., nota 44.

<sup>61</sup> VERISSIMO, op. cit., nota 46.

<sup>62</sup> LISPECTOR, op.cit., nota 45.

<sup>63</sup> ROSA, Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

roteiros teatrais. Do mesmo modo, são feitas avaliações com questões de múltiplas escolhas direcionados aos concursos de vestibulares. As leituras são feitas, de forma prévia e individual, ou seja, os alunos se responsabilizam pelas suas leituras literárias.

### **2.3 Livros didáticos**

Os planos/programas de conteúdos e os livros didáticos são os instrumentos pedagógicos orientadores do desenvolvimento da disciplina de Literatura nas quatro escolas de Porto Alegre que se constituem no *corpus* da presente pesquisa. Sendo assim, parte-se para uma exposição-analítica dos livros didáticos empregados pelas escolas particulares e públicas participantes desta investigação. Nessa análise, em primeiro lugar, privilegiam-se os seguintes itens: o conceito de literatura, os gêneros literários, a periodização e autores e obras indicados, o uso de fragmentos de textos ou não, e as tipologias dos exercícios. Em segundo lugar, remete-se tão-somente a uma análise descritiva do Modernismo.

#### **2.3.1. Uma abordagem na rede particular**

O livro de Cereja e Magalhães<sup>64</sup> se divide em onze unidades/capítulos. O conceito de literatura entendido como a arte da palavra, encontra-se nas primeiras unidades junto com as explicações sobre os termos de conotação e denotação. Os autores fazem uma série de relações da literatura com a sociedade, com a imaginação,

---

<sup>65</sup> CEREJA e MAGALHÃES, Op.cit., nota 17.

com o prazer. Também conectam à literatura a história da literatura citando o seguinte:

Estudar literatura é, basicamente, ampliar nossas habilidade de leitura do texto literário. No segundo grau, esse estudo é acrescido da história da literatura, que objetiva acompanhar a evolução cronológica da literatura de determinado povo e cultura, observando suas transformações de acordo com o momento histórico. Por isso, a história da literatura organiza-se em momentos, períodos e gerações, a fim de fazer um estudo mais pormenorizado dela.(CEREJA e MAGALHÃES, 2004, p.13)

Na mesma unidade, inserem-se os gêneros literários com uma especificação sobre os dois planos essenciais do texto literário que são a forma e o conteúdo. Segundo os autores, de acordo com a forma os textos são organizados em dois grandes grupos: textos em versos e textos em prosa, divididos em líricos, épicos e dramáticos. Além dessa tríade clássica, os autores colocam uma concepção moderna:

A distinção entre esses gêneros narrativos modernos é controvertida, mesmo porque uma das tendências da literatura contemporânea é misturar gêneros e relativizá-los. Com freqüência, deparamos com textos que não apresentam a seqüência narrativa tradicional de “começo, meio e fim”, ou com textos que usam, na prosa, recurso da poesia. (CEREJA e MAGALHAES, 2004, p.16)

Nessa unidade, entra-se na periodologia com elucidações sobre os estilos de época vinculando-os a uma modificação social, pois, segundo os autores, os homens mudariam no decorrer dos tempos e a arte/literatura absorveria essas transformações, também se alterando. Essa explicação é ilustrada com dois textos de períodos literários diferentes, um do Romantismo e o outro do Modernismo. A seguir, os autores definem os estilos de época:

Em cada período literário, chamado de estilo de época ou movimento literário ou estética literária, existem obras e autores que apresentam certas afinidades entre si. Isto é, pode haver semelhanças entre as suas obras quanto à linguagem, aos temas, à forma de ver e sentir o mundo. São essas afinidades que fazem um movimento literário ser diferente de outro (CEREJA e MAGALHÃES, 2004, p.17)

Ainda, nesse capítulo, apresentam um quadro comparativo da periodologia que será estudado no livro, dividido e definido com as expressões: era colonial e era nacional, com os nomes das épocas literárias, datas e obras que as iniciam e relação de autores que fazem parte de cada período literário descrito:

Tabela 2  
Quadro comparativo das escolas e autores

Era colonial			
Períodos	Quinhentismo	Seiscentismo Ou Barroco	Setecentismo Ou Arcadismo
Marcos	1500	1601	1768
	Pero Vaz de Caminha escreve a <i>Carta de achamento do Brasil</i>	Publicação de <i>Prosopopéia</i> , de Bento Teixeira	Publicação de <i>Obras</i> , de Cláudio Manuel da Costa.
Principais Autores	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Pero Vaz de Caminha</li> <li>▪ Pero M. Gândavo</li> <li>▪ Gabriel Soares de Souza</li> <li>▪ José de Anchieta</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Gregório de Matos</li> <li>▪ Padre Antônio Vieira</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Cláudio Manuel da Costa</li> <li>▪ Tomás Antônio Gonzaga.</li> <li>▪ Silva Alvarenga</li> <li>▪ Santa Rita Durão</li> <li>▪ Basílio da Gama</li> </ul>

Tabela 2  
Quadro comparativo das escolas e autores ( Continuação)

Era Nacional			
Períodos	Romantismo	Realismo Naturalismo Parnasianismo	Simbolismo
Marcos	1836	1881	1893
	Publicação de <i>Suspiros poéticos e Saudade</i> , de Gonçalves Magalhães	Publicação de <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> , de Machado de Assis, e <i>O mulato</i> , de Aluisio Azevedo.	Publicação de <i>Missal e Broquéis</i> , de Cruz e Souza
Principais Autores	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Gonçalves Dias</li> <li>▪ Álvares de Azevedo</li> <li>▪ Casimiro de Abreu</li> <li>▪ Junqueira Freire</li> <li>▪ Fagundes Varela</li> <li>▪ Castro Alves</li> <li>▪ José de Alencar</li> <li>▪ Manuel Antonio de Almeida</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Machado de Assis</li> <li>▪ Aluisio Azevedo</li> <li>▪ Raul Pompéia</li> <li>▪ Olavo Bilac</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Cruz e Souza</li> <li>▪ Alphonsus Guimaraens</li> </ul>

Tabela 2

Quadro comparativo das escolas e autores

Era Nacional				
Períodos	Pré-Modernismo	Modernismo	Geração de 45	Concretismo e Poesia práxis
Marcos	1902	1922	1944	1956
	Publicação os <i>Sertões</i> , de Euclides da Cunha.	Semana de Arte Moderna	Publicação de <i>Perto do coração selvagem</i> , De Clarice Lispector	Lançamento da revista <i>Noigandres</i>

Tabela 2

Quadro comparativo das escolas e autores (continuação)

Era Nacional <sup>65</sup>				
Períodos	Pré-Modernismo	Modernismo	Geração de 45	Concretismo e Poesia práxis
Principais Autores	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Euclides da Cunha</li> <li>▪ Graça Aranha</li> <li>▪ Lima Barreto</li> <li>▪ Monteiro Lobato</li> <li>▪ Augusto dos Anjos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Oswald de Andrade</li> <li>▪ Mário de Andrade</li> <li>▪ Manuel Bandeira</li> <li>▪ Graciliano Ramos</li> <li>▪ José L. do Rego</li> <li>▪ Rachel de Queiroz</li> <li>▪ Jorge Amado</li> <li>▪ Érico Veríssimo</li> <li>▪ Carlos Drummond de Andrade</li> <li>▪ Vinícius de Moraes</li> <li>▪ Cecília Meireles</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Clarice Lispector</li> <li>▪ Guimarães Rosa</li> <li>▪ João Cabral de Melo Neto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Augusto de Campos</li> <li>▪ Haroldo de Campos</li> <li>▪ Décio Pignatarit</li> <li>▪ Ferreira Gullar</li> </ul>

Depois dessa representação, entra-se na periodologia da literatura brasileira. O livro didático dedica um capítulo para cada autor, começando por uma observação geral que se relaciona com o período literário estudado. Há uma contextualização histórica e uma listagem de características delineando a época descrita. Os escritores apresentados vêm acompanhados de uma extensa biobibliografia e comentários críticos sempre justificados por excertos de suas obras.

<sup>65</sup> CEREJA e MAGALHÃES, op.cit., nota 17, p. 17.

Em relação às obras dos autores mencionados, trabalha-se com fragmentos dos livros, à exceção fica para os textos poéticos, que na sua maioria, aparecem completos nesse livro didático. Dos autores citados do romantismo, os excertos se referem aos livros *A moreninha*, *O guarani*, *Lucíola*, *Senhora*, *Inocência*, *Memórias de um sargento de milícias*, *Noites na taverna*. Dos realistas/naturalistas, citam-se *Dom Casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *O cortiço*, *O ateneu*. Dos pré-modernos, mencionam-se *Triste de Policarpo Quaresma*. Dos modernos, referenciam-se *Macunaíma*, *São Bernardo*, *Vidas secas*, *O quinze*, *Fogo morto*, *Terras do sem fim*, *Grande Sertão: veredas*.

O livro de Campedelli e Souza<sup>66</sup>, compõe-se de vinte seis unidades/capítulos. Nos primeiros capítulos, conceitua-se a literatura como a arte composição de versos que podem ser escritos em prosa ou versos, além de afirmações de que as palavras necessitam de um arranjo especial para que se tornem literárias. Relacionam a literatura com algumas expressões como: a representação do mundo, a supra-realidade. Não aparece, nesse livro, a literatura ligada à história da literatura. Ao mesmo tempo, especificam os termos de conotação e denotação.

Os gêneros literários aparecem a partir dos terceiros capítulos, elucidam-se as diferenças dos textos em relação à forma e por isso são separados em poesia e prosa. Definem-se na tríade convencional de épico, lírico e dramático, explica-se cada um dos gêneros, igualmente, parece um quadro geral dos gêneros com apreciações dos conteúdos e formas dos três gêneros citados.

---

<sup>66</sup> CAMPEDELLI e SOUZA, op. cit., nota 18.

Tabela 3  
Quadro geral dos gêneros<sup>67</sup>

Caracterização	Gênero Épico	Gênero Lírico	Gênero Dramático
Conteúdos	1- Narração de feitos heróicos, históricos ênfase nos atos de bravura.  2- Narração de fatos ocorridos em uma determinada seqüência temporal.	Expressões de aspectos pessoais subjetivos, sentimentais, sempre envolvendo emoção. No lirismo poético há predominância de um “eu” que expressa as emoções.	Representação de ações num palco, numa tela, ao ar livre, sempre para um público. Há grande ênfase no diálogo, que é uma forma, de comunicação muito presente.
Forma	1- Longos poemas chamados epopéias.  2- Prosa: romances, contos, novelas, fábulas.	Poemas chamados sonetos, odes, baladas. Eventualmente, pode ocorrer em prosa	Peças de teatro, filmes, novelas de TV. Circo -teatro, Shows

Nos primeiros capítulos, adentram-se às questões de estilos literários e se especificam as transformações na literatura como marcas sociais. As explicações aparecem através de dois textos de períodos literários diferentes, um do Romantismo e outro do Modernismo. Os estilos são marcas individuais de cada autor revelando forte influencia da sociedade que o cerca:

A literatura, como as outras artes, é o resultado do trabalho de um artista que vive as conseqüências da história. A criação literária relacionada ao momento histórico em que se insere. Os estudiosos de literatura têm a preocupação de dividir e dar nomes às épocas literárias. As idades literárias ganham denominações variadas: além de escolas literárias, também são conhecidas como períodos, estilos e movimentos literários. (CAMPEDELLI e SOUZA, 1999, p. 38)

<sup>67</sup> CAMPEDELLI e SOUZA, op,cit., nota 18, p. 33

Na quarta parte do livro entra-se na periodologia. Os autores iniciam todos os capítulos com a literatura portuguesa seguindo-se pela brasileira. Os assuntos principiam, seqüencialmente, com uma introdução que cita as obras e autores iniciadores, mostrando um relato sintético da situação histórica e características de cada época literária estudada. Dos escritores estudados, mostra-se uma resumida biobibliografia sem comentários críticos.

Em relação aos períodos literários e autores brasileiros citam-se os mesmos já arrolados no livro didático de Cereja e Magalhães. O livro de Campedelli e Souza apresenta uma diferença, pois acrescenta a literatura portuguesa. Dos estilos literários portugueses, citam-se, em seqüência, o Trovadorismo, o Humanismo, o Classicismo, o Romantismo, o Realismo, o Simbolismo e o Modernismo. Dos autores portugueses, citam-se, Gil Vicente e Luís de Camões. Dos autores românticos, Almeida Garret, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, João de Deus e Júlio Dinis. Dos realistas, Antero Quental e Eça de Queirós, dos simbolistas, Eugênio e Camilo Pessanha e dos modernistas Fernando Pessoa e Mário Sá-Carneiro.

No livro de Campedelli e Souza, também, prevalece o uso de fragmentos de romances, excetuando-se a poesia, cujos textos aparecem na íntegra. Dos autores do Romantismo, os excertos referem-se às obras *A moreninha*, *Senhora*, *Lucíola*, *Memórias de um sargento de milícias*. Dos autores do realismo e naturalismo, citam-se *Dom casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *O cortiço*, *O ateneu*. Dos autores pré-modernos, mencionam-se *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Os sertões* e dos

autores modernistas, listam-se *Macunaíma*, *O quinze*, *Fogo morto*, *Gabriela cravo e canela*, *Vidas secas*, *A hora da estrela*.

Nos dois livros didáticos utilizados nas escolas da rede particular, os exercícios se vinculam a duas tipologias: os objetivos de lacunas ou de múltiplas escolhas que, invariavelmente, parecem conectados ao fim utilitário dos vestibulares e os subjetivos, de caráter analítico-expositivos, centrados num estilo de questionários. Percebe-se, nesse livro, a existência de poemas e longos fragmentos da maioria dos autores citados, contudo, remetem-se as imanências dos textos para reafirmar as especificidades dos períodos literários estudados.

O final dos livros didáticos, de modo geral, é dedicado ao movimento literário do Modernismo. Existem, no livro de Cereja e Magalhães, as histórias do Tropicalismo e da MPB. Citam-se características desses movimentos musicais e participantes como: Caetano Veloso, Chico Buarque, Milton Nascimento, entre outros. Há uma explicitação que as literaturas da década de setenta a noventa necessitam de um estudo de sistematização e aprofundamento. Assim, os autores afirmam:

A literatura continuou desorganizada, tendo à frente escritores já consagrados como Drummond, João Cabral e os concretistas, ao lado outros que já haviam despontado década antes e que então se firmam, como o caso de Lygia Fagundes Telles, Osman Lins e Mário Quintana. Além desse grupo, houve o aparecimento de uma vasta geração de novos poetas e prosadores, sem que houvesse entre eles um projeto comum. (CEREJA e MAGALHÃES, 2004, p.443)

Os autores desse livro tentam a aproximação da literatura com a música, contudo, a inovação fica na imanência dos textos poéticos e as relações com letras de músicas. Os conteúdos permanecem numa linha estrutural da periodologia dos livros citados anteriormente.

Igualmente, o livro de Campedelli e Souza apresenta nos capítulos finais, depois do Pós-Modernismo, termos como: Pós-Vanguarda e Marginalismo, trazendo uma longa explicitação do contexto histórico e dos meios culturais dos anos setenta. O Tropicalismo aparece com a citação dos nomes de Caetano Veloso e explicações superficiais da ligação movimento com o manifesto do Pau-Brasil. Da poesia marginal, afirma-se o seguinte:

Explorando todas as possibilidades do papel, folhetos, jornais, revistas, manuscritos, a poesia chegou aos muros através de pichações, foi às praças, aliou-se à música, organizou exposições. (CAMPEDELLI e SOUZA, 1999, p. 318)

No mesmo livro, cita-se uma poesia mutante, uma variante da poesia marginal, também a aproximação desse tipo de texto com as artes visuais (colagens, grafismo, fotografias) que levaria a uma linguagem visual fragmentária. Indicam-se nomes de Paulo Leminski, Torquato Neto, Cacaso, Ana Cristina.

No entanto, nota-se que mesmo com as citações das inovações na área da poesia, os livros didáticos analisados obedecem à mesma linha evolutiva da periodologia e nessa parte final do Modernismo, não há aprofundamento nos temas

aludidos. Os assuntos parecem soltos sem exemplificação para justificar as afirmações sobre os tipos de poesias e as relações da história da música com os estilos literários.

### **2.3.2. Uma abordagem na rede pública**

O livro de Abaurre<sup>68</sup>, possui doze capítulos/unidades. Nos primeiras unidades, aparece o conceito de literatura como uma forma de arte, tal como a música, a pintura e a dança. Relaciona a literatura com arte e sociedade, explica as características do texto literário, mostrando as definições de denotação e conotação, e acrescenta que a literatura se diferencia das outras manifestações artísticas:

O que a diferencia das demais manifestações artísticas é que a Literatura nos permite, pela interação com seus textos, tomar contato com um vasto conjunto de experiências acumuladas pelo ser humano ao longo de sua trajetória, sem que seja preciso vivê-las. ( ABARRE, 2004, p. 2)

Nesse livro, as definições de estilo de época surgem antes dos gêneros literários. Especifica-se a literatura como uma releitura do passado, mostrando dois textos, um do Modernismo e outro do Romantismo para justificar que a análise de cada autor sobre um fato revela o período literário em que ele está inserido. Ao mesmo tempo, esclarecem que a historiografia literária apresenta o estudo e descrição das diferentes escolas e movimentos literários de um País. Assim, sobrepõem que:

---

<sup>68</sup> ABAURRE, PONTARA e FADEL, op. cit., nota 20.

Também suas condições de produção (momentos histórico, cultural e social). Assim, é natural que análise de vários textos de uma mesma época revele características literárias semelhantes. Interessante será perceber, à medida que nos aprofundarmos no estudo das escolas literárias, que realmente podemos observar um movimento pendular dos escritores, ora optando por uma postura mais analítica e objetiva, ora investindo no subjetivismo das emoções.(ABAURRE, 2004, p.6)

Ainda, na mesma linha de significação, distingue-se que os estilos de época são a designação dada ao conjunto de normas que orienta e caracteriza a produção artística de um determinado momento histórico. Após estas caracterizações, definem-se como oito as escolas literárias, e colocam que na atualidade, os críticos literários afirmam a existência de um novo estilo literário que, na falta de uma estética unificadora, denomina-se Pós-Modernismo. :

Os gêneros literários são definidos como a forma em que os conteúdos literários se organizam, por apresentarem características estruturais semelhantes. Apresentam-se na tríade tradicional de lírico, dramático e o épico. É mostrado o gênero narrativo como um variante do gênero épico, dividido em romance, novela, conto e fabula. Em cada gênero listado, explicam-se as características estruturais das suas formas.

Na segunda parte do livro, entra-se na periodologia, conforme o quadro comparativo exposto, anteriormente. São mostradas pequenas explicações sobre a economia, a história, a cultura e citam-se as características do período literário que será estudado no decorrer da obra. Os autores brasileiros e alguns portugueses, como Gil Vicente, Luís de Camões, Eça de Queirós e Fernando Pessoa vêm acompanhados de uma sintética biobibliografia sem comentários críticos.

Em relação aos autores nomeados, trabalham-se pequenos fragmentos dos romances e as poesias seguem na íntegra nesse livro didático. Dos autores citados do Romantismo, os excertos se referem aos livros *Eurico, o presbítero, Amor de Perdição, Senhora, Diva, O guarani, Memórias de um sargento de milícias*. Dos realistas e naturalistas, mostram-se fragmentos dos livros *O crime do padre Amaro, Dom Casmurro, Memórias póstumas de Brás Cubas, O cortiço*. Dos pré-modernos, listam-se, somente, pedaços da obra *Triste fim de Policarpo Quaresma* e dos modernos, citam-se *Vidas secas, Grande sertão: veredas*.

O livro didático de Cadore<sup>69</sup>, possui quarenta e oito unidades/capítulos. O conceito de literatura aparece na unidade três junto com uma especificação de linguagem literária e não-literária. A literatura é conceituada como o conjunto de produção escrita de um País, e o termo literatura aparece como a arte que manifesta por meio da escrita:

O conceito de literatura, portanto, está ligado ao uso artístico das palavras. O texto literário não precisa ser necessariamente escrito em versos. Literário é o texto que tem literariedade, isto é, que tem linguagem literária, sonoridades, ritmos, personagens, ações, símbolos, ambigüidade. Tanto o poema como a narrativa e o drama são ficção, ou seja, originam-se da imaginação do autor, é uma recriação da realidade.(CADORE, 2000, p 34).

Os gêneros literários aparecem na tripartição lírico, épico e dramático. Expõe a divisão do gênero épico que, modernamente, transformou-se em narrativo composto pelas seguintes tipologias de textos: romance, novela, conto, fábula, lenda e crônica. Em relação aos gêneros, o autor questiona a classificação, mencionando:

---

<sup>69</sup> CADORE, op.cit..nota 21.

Essa classificação, contudo, pode tornar-se discutível e até errônea se aplicada com rigor a determinadas obras. Em algumas delas, um gênero sobressairá em relação a outro, mas nunca haverá a expressão pura de um só. Os críticos modernos ensinam que os gêneros literários devem ser estudados em base nas características da obra, e não a partir de classificações genéricas. (CADORE, 2000, p.41)

A partir do capítulo sete, os estilos de época aparecem especificados em três textos poéticos de períodos literários distintos em são explicados as diferenças existentes entre os textos do Trovadorismo, do Classicismo e do Modernismo. Apresenta-se uma dedução de que os escritores conectados a uma determinada época mostram características próprias que os diferenciam dos escritores de outra época. Da mesma forma, os autores da mesma época, em geral, retratam as tendências e as modas de seu tempo. Ao final desse capítulo, apresentam-se questionamentos sobre a estaticidade das épocas literárias:

Os estilos de época e as escolas literárias não possuem caráter estático nem suas datas-limite devem ser tomadas ao pé da letra. São periodização de cunho didático e que vêm facilitar o estudo da história da literatura. Os próprios autores, muitas vezes evoluem dentro de sua escola literária e passam para outra, nos períodos de transição. Outros se adiantam no tempo, e há os que retomam estilos de épocas passadas. Portanto, as divisões, as datas, os marcos devem ter sempre um sentido amplo, dinâmico, relativo, e nunca restrito, imutável, absoluto.(CADORE, 2000, p.76).

Após esse questionamento são definidos os períodos literários portugueses e brasileiros que serão estudados no decorrer do livro. Especificam-se esses períodos literários com um quadro comparativo em que constam as datas que surgiram em Portugal e no Brasil.

Tabela 4  
Períodos literários Portugueses e Brasileiros.<sup>70</sup>

Estilos de época	Portugal	Brasil
Humanismo	Séc. XV	-
Classicismo	Séc. XVI	-
Barroco	1580	1601
Arcadismo	1756	1768
Romantismo	1825	1836
Realismo e Naturalismo	1865	1881
Simbolismo	1890	1893
Pré-modernismo	-	1902
Modernismo	1915	1922

Entra-se na periodologia, depois do quadro comparativo, com um capítulo para cada período literário. As unidades se abrem com um resumido contexto histórico e uma listagem de características inerentes à época estudada. São listados os principais autores, mas explica-se que serão enfocados, somente os escritores relevantes do período:

Os principais representantes do Arcadismo foram na poesia lírica: Tomás Antônio Gonzaga (Dirceu), Cláudio Manuel da Costa (Glauceste Saturnio), Alvarenga Peixoto (Eureste Fenício) Silva Alvarenga (Alcindo Palmireno). Na poesia épica: Basílio da Gama e Frei Santa Rita Durão. Na presente unidade, estudaremos Tomás Antonio Gonzaga e Frei Santa Rita Durão. Os demais serão estudados na pesquisa literária.(CADORE, 2000, p.175)

Os fragmentos dos textos referenciados nesse livro didático apresentam poucas alterações dos já descritos anteriormente. Pode-se observar que os textos poéticos, na sua maioria, aparecem completos, no entanto, os contos e romances são

<sup>70</sup> CADORE, op.cit., nota 21, p. 76

mostrados fragmentados. Dos autores do Romantismo, os excertos se referem ao *O guarani*, *A moreninha*, *Escrava Isaura*, *Inocência*. Do Realismo e Naturalismo, citam-se *Dom casmurro*, *O cortiço*, *O ateneu*. Do Pré-Modernismo, mencionam-se *Os sertões*, *Triste fim de Policarpo Quaresma* e do Modernismo são feitas referências aos livros *Macunaíma*, *São Bernardo*, *Capitães de areia*, *Grande Sertão: veredas*.

Nos dois livros didáticos analisados das escolas da rede pública, os exercícios apresentam duas tipologias: os objetivos de lacunas ou múltiplas escolhas vinculados aos exames de vestibulares, e os subjetivos de caráter analítico-expositivos conectados ao estilo de questionários/roteiros. Os exercícios, constantemente, ligam-se às especificidades do período literário estudado. O livro de Cadore faz sugestões às pesquisas sobre as biografias dos autores que não foram estudados.

Em relação ao segundo critério, o livro de Abaurre mostra nos capítulos finais o mundo pós-moderno, em que são feitas descrições sobre o contexto histórico das décadas de setenta, oitenta e noventa. Explicita o surgimento da Internet e o grande crescimento do acesso à informação no mundo. Aparecem explicações superficiais sobre o Cinema Novo, o Tropicalismo. Da mesma forma, cita-se uma literatura em crise e uma relação de características, nomeadas como: ecletismo, eliminação das fronteiras entre arte erudita e a popular, intertextualidade, niilismo, postura individualista e humor.

Ao término desse capítulo, aparece uma espécie de retrocesso ao concretismo de 1956 e citam-se os autores Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Ferreira Gullar com exemplo de poemas concretos. Na continuidade dessa parte, comentam sobre as

narrativas curtas como uma tendência da prosa contemporânea com uma longa listagem de autores:

Os textos em prosa pós-modernos levam ainda mais adiante a liberdade criadora conquistada pelos modernistas. As experimentações são tantas que chegam a comprometer a existência do enredo e impedir a narração continuada. A marca dos romances contemporâneos é a estrutura fragmentada, além de um investimento muito grande nos gêneros mais populares, como a narrativa policial e a ficção científica. De modo geral, porém, parecem mais inclinados a produzir narrativas curtas, como o conto. (ABAURRE, 2004, p.139)

Já o livro de Cadore, na parte final, refere-se ao terceiro momento do Modernismo especificando que da década de cinquenta em diante, muitos poetas tiveram diferentes experimentos vanguardistas, nomeados como: Tendência (1957), Concretismo (1956), Neoconcretismo (1958), Violão de Rua (1962), Práxis(1962), Poema-Processo (1967), Tropicalismo(1968), Geração mimeografo/ Poesia marginal (década de setenta). Dentre esses movimentos, indica-se o Concretismo, com destaque nos nomes de Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Ferreira Gullar. São apresentadas explicações sobre as produções contemporâneas de prosa nos gêneros do conto, crônica e teatro. Em cada um dos gêneros surge uma listagem de autores relevantes para o autor do livro didático em questão.

Assim como os livros didáticos analisados das escolas da rede particular, os da rede pública repetem os mesmo modelos em relação aos conceitos de literatura, gêneros literários e a periodologia. Mesmo oferecendo na parte final dos livros, citações sobre tendências da literatura pós-moderna, não existe aprofundamento nos assuntos, do mesmo modo, não há exemplificações dos textos de autores

contemporâneos. Os conteúdos denotam a probabilidade unidimensional até o Modernismo particularizados em terceira geração e ou produção contemporânea mantendo um padrão de indefinição nas partes finais do Modernismo.

### 3 TERMINANDO O DIÁLOGO

#### .1 Escola e história da literatura

Esta pesquisa não possui a intenção de generalizar acerca da situação do ensino de literatura ou abrir controvérsias se o que se leciona nas escolas é literatura ou história da literatura. Fez-se uma escolha contrária de estudar em profundidade esse ensino de literatura eternizado na periodologia no século XXI. Através de um diagnóstico num *corpus* baseado em um determinado recorte de materiais usados pela disciplina de literatura no Ensino Médio do diurno.

O mapeamento dessa pesquisa iniciou pela leitura dos documentos orientadores do Ensino Médio no País que são Parâmetros Curriculares Nacionais. Os PCNs, teoricamente, seriam responsáveis pelas grades curriculares que definem o número de períodos semanais dispostos em cada escola para a disciplina de Literatura. Nas grades curriculares das escolas investigadas, as particulares oferecem uma carga horária menor para o ensino literário, enquanto as públicas oferecem uma disponibilidade de horário maior. Contudo, observa-se nas escolas, independente da carga horária destinada às aulas de literatura, que o padrão de ensino da história da

literatura, permanece submisso aos estilos epocais, à periodologia e á concepção evolutiva da historiografia.

Sendo os PCNs, os gerenciadores desse ensino, procurou-se buscar subsídios para entender a primeira questão norteadora da pesquisa: que conceito de história da literatura é possível delinear a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais? Em primeiro lugar, admite-se que a disciplina de literatura não possui autonomia nos documentos, ela se insere numa área chamada e Linguagens, códigos e suas Tecnologias. No entanto, não se extinguem o ensino por disciplinas, apenas conotam que devem fazer parte de um processo com várias áreas interligadas.

Em relação às competências, percebe-se que a pesquisa e a análise são colocadas em relevância, em detrimento dos simples exercício da memorização enciclopédica, o que se contrapõe ao evolucionismo da periodologia. Ao mesmo tempo, aparece a busca pela correção do ensino descontextualizado e distanciado do aluno do século XXI, no entanto, o ensino literário nas escolas não possui uma relação dialógica, fecha-se em leituras canonizadas. Do mesmo modo, os documentos mencionam o término da compartimentalização do ensino encaixotado em estilos literários. Além disso, procura-se a superação das disciplinas estanques, revigorando-as num processo permanente de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

Considerando as questões literárias nos PCNs, pode-se inferir que, apesar de uma certa imprecisão, delinea-se uma mudança na percepção da história da literatura. Os documentos orientadores do Ensino Médio acreditam que o ensino literário, num viés historicista, pode ser descartável, encontra-se fadado ao fracasso pelo

distanciamento do mundo contemporâneo. Segundo Benjamin<sup>71</sup>, a literatura necessita desobrigar-se do passado e colocar-se no mundo real conectando a história literária ao mundo contemporâneo. Jauss<sup>72</sup>, também, abaliza que o estudo da literatura eternizado numa linha cronológica de fatos literários pré-estabelecidos passa a ser desnecessário quando se almeja um conhecimento dinâmico entre obras e leitores.

Igualmente, Jobim<sup>73</sup> ratifica o que PCNs colocam em relação ao conceito de literatura, que ele poderia ser permeável a passagem do tempo. Assim, Machado de Assis ou José de Alencar não teriam literariedade para um aluno do Ensino Médio, no entanto, Paulo Coelho ou Martha Medeiros seriam textos apreciáveis e com valor literário para esses mesmos alunos. Isto levaria à proposição de uma nova história da literatura no Ensino Médio, pois as escolhas das leituras nas escolas são vinculadas às questões de poder.

Os documentos gerenciadores do Ensino Médio postulam algumas mudanças no ensino literário atrelado ao conceito de literatura, a tríade tradicional dos gêneros literários e a periodologia. Essas transformações estão delineadas na percepção que um aluno inserido num mundo que possui acesso a diferentes informações não entenderia a literariedade em textos clássicos sem uma relação dialógica com o presente.

Ao mesmo tempo, a divisão tradicional dos gêneros não possui sentido no mundo contemporâneo, pois o lirismo está nos romances, contos e crônicas, assim como o

---

<sup>71</sup> BENJAMIN, op.cit., nota 10.

<sup>72</sup> JAUSS, op.cit., nota 11.

<sup>73</sup> JOBIM, op.cit., nota 13

narrativo pode aparecer numa poesia ou uma letra de música impregnada de versos, estrofes e melodia. Igualmente, a periodologia é questionada na sua estaticidade, pois nada significa para um educando atrelar um livro ao Realismo ou ao Romantismo. Muitas vezes, suas histórias de vida travam com essas leituras outros diálogos que em nada lembram o período literário ao qual pertencem.

O *corpus* definido pelos planos de conteúdos, as leituras, metodologias e livros didáticos não apresentam modificações relevantes em relação ao conceito de literatura, gêneros literários, periodologia e leituras clássicas. Os planos de conteúdos pertinentes às escolas particulares e públicas se voltam para os períodos estéticos distintos e objetivam o ensino da literatura, realçando o conhecimento histórico que a condicionou como tal. Indicam autores e obras já consagrados pela crítica, cristalizados pelas metodologias que buscam as especificidades evidenciadas pelo movimento literário que precisa ser analisado e compreendido nas diferentes séries do Ensino Médio.

Os conteúdos literários deveriam reservados aos debates que envolvem a complexidade dos temas culturais, mas limitam-se e curvam-se diante de um conhecimento pronto e acabado. Os romances e contos são partes de um mesmo contexto, assim como autores e obras se tornam importantes pelos períodos literários que se quer evidenciar numa determinada série do Ensino Médio. As antologias poéticas não são recomendadas, e a prosa de ficção assume o primeiro lugar no *ranking* das sugestões de leitura literárias. As obras de Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Machado de Assis e Aluísio Azevedo, por exemplo, são indicadas,

constantemente, uma vez que a crítica já as consagrou como sendo as principais para os referidas épocas literárias em que os autores citados se inserem.

Os planos de conteúdos, tanto nas escolas particulares como nas públicas, mostram uma história da literatura com uma percepção historicista de evolução linear, baseada na continuidade. Não há fragmentação no alinhamento dos assuntos literários, que se organizam temporalmente, do mais distante ao mais próximo. Assim, inicia-se a literatura brasileira nos primórdios da literatura informativa e termina no Modernismo. Esta distribuição unidimensional dos assuntos no Ensino Médio não sofre interrupção, como se toda imagem da literatura Romântica/Realista pudesse ser recuperada tal qual elas aconteceram no seu momento histórico sem questionamentos ou dúvidas.

Na verdade, se houvesse uma reconstituição das histórias literárias do Barroco, do Romantismo ou do Realismo, elas poderiam ser feitas somente através dos seus fragmentos históricos, das marcas deixadas pela passagem destes autores e obras do passado num tempo presente. Segundo Benjamin<sup>74</sup>, a história não é um espaço vazio e homogêneo, além disso, o que acontece entre as gerações literárias é intenso, isso pode impedir a representação linear e contínua da periodologia como se apresenta descrita no *corpus* desta pesquisa.

Assim, os alunos se deparam com uma linha cronológica de fatos que se contemplam sempre os mesmos autores e obras canonizadas, com raras exceções, modificam-se. Se a grade curricular entende que o estudo sobre a literatura deve ser dividido nos diferentes períodos literários, a leitura interpretativa dos livros literários não

---

<sup>74</sup> BENJAMIN, op.,cit., nota 9.

se expande. Isso limita a visão de mundo dos leitores pela convivência com autores e obras que transmitem concepções de vida somente de séculos passados. Não se discute aqui a importância ou não da leitura canonizada, o que se procura evidenciar nesse momento é a falta de historicidade da literatura nas escolas.

O ensino da literatura, exemplificado no *corpus* descrito, divide os estilos epocais de maneira fossilizada, impossibilitando a discussão dos conceitos e os valores que levaram a definir os diferentes períodos. Do mesmo modo, as indicações de leitura literárias se conectam a um cânone, com raras exceções, fogem desse caráter tradicional da literatura. Entretanto, nas escolas particulares, percebe-se um avanço nas recomendações das leituras literárias. Existe um princípio de oxigenação, há certa fuga do cânone perpetuado nas instituições escolares, com as indicações de livros de autores gaúchos contemporâneos.

Nos primeiros anos do Ensino Médio das escolas particulares, apesar da grade curricular oferecer um espaço restrito para a disciplina de literatura, as sugestões de leituras literárias são de autores gaúchos e contemporâneos que possuem temática e linguagem acessível aos estudantes desse nível. A obra *Caminhando na chuva*<sup>75</sup>, de Charles Kiefer, uma das indicadas, é uma novela de temática adolescente que conta a história do personagem Túlio Schuster, um jovem de vinte anos, descendente de imigrantes alemães, vivendo em uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, numa época de abertura política, nos anos oitenta. São percalços de um jovem que passa as férias na casa dos avós, as viagens de caminhão com o pai, a escola, a descoberta do amor e da literatura.

---

<sup>75</sup> KIEFER, op.cit.,nota, 27.

Igualmente, a obra *Câmera na mão, Guarani no Coração*<sup>76</sup>, de Moacyr Scliar, constitui-se em um livro de temática direcionada aos jovens, que mostra a descoberta de um cânone da literatura brasileira através uma releitura contemporânea do livro *O guarani*<sup>77</sup>, de José de Alencar. Ao se inscrever em um concurso para realizar um vídeo, o personagem Tato e seus amigos de faculdade, enfrentam um grande problema, o tema desse romance clássico é desconhecido para eles. Então o grupo decide ler *O guarani* para fazer o vídeo das principais cenas. Assim a emoção de ler o livro vai se misturando ao de fazer cinema pela primeira vez. Da mesma forma, a obra *É tarde para saber*<sup>78</sup>, de Josué Guimarães, relata a história de amor entre dois personagens de classes sociais diferentes (Mariana e Cássio) num momento tumultuado da vida brasileira, nos anos setenta.

Nos segundo anos das escolas particulares, surgem quatro indicações de livros de autores contemporâneos aos alunos, que saem da literatura canônica cristalizada nas instituições de ensino. A obra *O concerto campestre*<sup>79</sup>, de Assis Brasil, narra uma trágica história de amor nos meados do século XIX no interior do Rio Grande do Sul em que os códigos de honra misturam -se ao amor pela música. Do mesmo modo, o livro *O pintor que escrevia*<sup>80</sup>, de Letícia Wierzchowski, explora a tragicidade do amor relatando a história de um pintor que transcrevia sua relação de amor incestuoso no verso de seus quadros.

---

<sup>76</sup> SCLIAR, op.cit.,nota, 28.

<sup>77</sup> ALENCAR, José de. *O guarani*. São Paulo: FTD, 1996.

<sup>78</sup> GUIMARÃES, op.cit., nota, 29.

<sup>79</sup> BRASIL, op.cit.nota 39.

<sup>80</sup> WIERCHOWSKI, op.cit.,nota 40.

Além disso, o livro *Duas iguais*<sup>81</sup>, de Cíntia Moscovich, remete-se, também, à temática sentimental, pois descreve uma história de amor entre duas personagens femininas. Constitui-se em uma transcrição lírica de um amor “meio maldito” entre duas meninas de classe média que crescem juntas, descobrem o amor e o sexo em plena adolescência. Além disso, sofrem e são discriminadas pelas suas escolhas sexuais na escola e na sociedade em que vivem,

Já a obra *A mulher que escreveu a bíblia*<sup>82</sup>, de Moacyr Scliar, constitui-se numa narrativa satírica em primeira pessoa que, no tempo atual, uma mulher muito feia, mas intelectualmente brilhante empregada em uma loja de louças, submete-se a uma terapia de vidas passadas e conclui que em outra encarnação, há três mil anos, ela teria escrito a primeira versão da Bíblia. Esta história é o relato da trajetória fabulosa dessa personagem, filha de um pastor de cabras do deserto, que vai a Jerusalém e torna-se uma das setecentas esposas do rei Salomão.

A recomendação dos livros descritos, anteriormente, mantém um diálogo com leitor adolescente, seja pelo assunto ou pela linguagem acessíveis ao aluno do século XXI, inserido num universo midiático. Do mesmo modo, mostram um caráter descompromissado com cânone ou com valor utilitário dos concursos dos vestibulares, um costume arraigado da leitura literária nas instituições escolares. Segundo, Zilberman<sup>83</sup> nem sempre a literatura nas escolas se apresenta condizente com o desenvolvimento dos educandos, uma vez que ainda permanece sacralizada pelos órgãos responsáveis pela sua divulgação.

---

<sup>81</sup> MOSCOVICH, op.cit., nota 41.

<sup>82</sup> SCLiar, op.cit., nota 42.

<sup>83</sup> ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC, 2001.

As escolas públicas não apresentam alterações nas indicações de leituras literárias. Elas se ligam a uma linha modelar e erudita dos primeiros aos terceiros anos do Ensino Médio. Ao mesmo tempo, conecta-se ao fim utilitário dos concursos vestibulares. Assim, diante do valor histórico e canônico das diferentes leituras aconselhadas para os alunos no *corpus* examinado, questiona-se a necessidade do conhecimento sobre a formação e o desenvolvimento da literatura brasileira nas escolas, usando, apenas as obras de épocas passadas como a única fonte de leitura para o estudante atual do Ensino Médio.

Por outro lado, pensa-se que se os estilos literários românticos, realistas, naturalistas ou mesmo os modernos do início do século vinte foram adequados para a abertura de horizontes de uma determinada sociedade. Contudo, atualmente, o enredamento cultural que envolve a jovem, precisa de leituras literárias que sejam condizentes, não só com a busca da historização da disciplina de literatura nas escolas, mas, também com uma leitura que seja interpretativa. A necessidade de confronto de experiências passadas com as questões da contemporaneidade resgataria o caráter atual das obras, colocando em evidência, para o leitor desse século, a validade dessas leituras.

As sugestões metodológicas descritas no corpus para as escolas particulares e públicas são pouco originais, quase todas propõem a mesma tipologia de atividades que se fecham nos limites das instituições escolares, sem intercâmbio com o mundo externo aos muros da escola. As dramatizações, os debates orais em sala de aula, levantando os aspectos pertinentes ao gosto do aluno em relação à obra lida, aparecem

associadas às questões analítico-expositivas em que se valoriza a especificidade dos períodos literários distintos.

As resenhas e as releituras se constituem em procedimentos aconselhados para os livros, igualmente, centrados na interpretação que imana dos textos. Em que o principal objetivo é o reconhecimento das características históricas e sociais de diferentes períodos que pertencem às leituras indicadas. O leitor adolescente se remete a sociedades distantes, em que a proposta utilizada com variadas estratégias de recriação dos textos, possui apenas como interesse a fonte de identificação de especificidades estéticas, que são analisadas as leituras sob uma perspectiva diacrônica.

Além disto, as leituras no Ensino Médio carregam um caráter de obrigatoriedade pela vinculação aos concursos de vestibulares. São propostas avaliações com questões de lacunas ou múltiplas escolhas em que nada oferecem em termos de modificação na perspectiva historicista veiculada pelo *corpus* investigado. Por outro lado, quando se mostra um clareamento em relação às leituras literárias, oferecendo livros da contemporaneidade, as propostas metodológicas oferecidas, não denotam modificação, centrando-se na imanência dos textos ou ligando-se a elementos extratextuais. Enfim, as leituras são novas, mas o caráter sacro do cânone permanece, pois a metodologia não se inova na escola.

Os livros didáticos se mostram como um apaziguador das consciências do corpo docente e discente, pois os conceitos literários fechados sem abrangência, os gêneros literários sem ligação com o mundo contemporâneo, assim como a periodologia,

afastam as dúvidas e questionamentos nas instituições escolares. Os conceitos literários aparecem no capítulo inicial e sugerem uma noção de literatura como *belles lettres*. A conceituação mencionada nos livros didáticos são aqueles restritos à decodificação de sinais lingüísticos, sendo vital nesses livros a diferenciação entre denotação e conotação. A apreciação fechada sobre literatura nos livros didáticos, cristalizada nas instituições responsáveis pela difusão dos saberes literários no Ensino Médio não propicia abertura de pensamento ou desenvolvimento da criticidade.

Ao mesmo tempo, os gêneros literários nos livros didáticos são estanques, fechados na tríade tradicional. Não existe historicidade nos gêneros tradicionais ou adaptação deles às contingências temporais da época em que os educandos se encontram. Os gêneros, na versão convencional, não conseguem abarcar a multiplicidade de produção literária do mundo pós-moderno. Os livros didáticos de Cereja e Magalhães<sup>84</sup>, e Cadore<sup>85</sup> oferecem um leve questionamento na formatação fechada dos gêneros literários. No entanto, na sua análise, nota-se que os gêneros literários, a tipologia dos exercícios e o uso de excertos de textos literários não confirma essa discussão iniciada.

O recorte analisado dos livros didáticos faz uma seleção parcial e neutralizadora dos textos literários mais contundentes, havendo, invariavelmente uma preferência pelo fragmento dos textos narrativos que confirmam os conceitos literários e os gêneros especificados. Desta forma, ocorrendo uma homogeneização diluidora das

---

<sup>84</sup> CEREJA e MAGALHÃES, op.cit, 17.

<sup>85</sup> CADORE, op.cit, 21.

diversidades. Assim, o saber transmitido pelo livro se torna inquestionável, pois propõe uma imagem eterna do passado, sem diferenças ou contradições.

Em nada o livro didático modifica a história da literatura na escola, ao repetir, esta versão pasteurizada dos conceitos literários, gêneros literários perpetuados pela desintegração dos textos originais com o uso de fragmentos de livros. No entanto, a história não é uma progressão desproblematizada, sim uma visão crítica e conscienciosa do nosso lugar no tempo. Este caráter de repetição, também aparece nos livros literários nomeados para os excertos, de tal modo que dos clássicos encontrados nos livros didáticos, percebe-se a reprodução, com raras diferenças, das mesmas leituras canonizadas na escola, entre elas, destacam-se os livros *A moreninha*, *Lucíola*, *Senhora*, *Dom Casmurro*, *O cortiço*, como os mais citados no *corpus*.

Do mesmo modo, nos livros didáticos não existe um caráter inovador nas questões de periodologia, uma vez que há uma posição seqüencial avolutiva nos materiais analisados. Mesmo apresentado uma mudança nas terminologias na parte do modernismo, acredita-se que o padrão homogêneo da divisão em estilos epocais está presente no recorde de livros didáticos, já que o estudo da literatura se baseia na imutabilidade do estilo visto no seu tempo cronológico estático. Ao mesmo tempo, mostram-se em oposição uns com os outros. Por exemplo, o Realismo rejeita as noções do Romantismo, assim como o Modernismo se desobriga dos anteriores a ele. Também se catalogam os períodos literários conforme o panorama da história social e política que os antecedem.

Percebe-se no *corpus* investigado, quanto mais perto se chega de um tempo recente, ou seja, a atualidade, a relação de autores diminui, muitos ficam excluídos ou são arrolados como uma longa listagem de compras no supermercado. Sendo assim, os livros obedecem a uma ótica evolucionista que tende a ignorar a produção contemporânea ou apresentar de uma maneira muito imprecisa, tentando enquadrar os textos literários modernos sob algum enfoque das escolas artísticas ou períodos que, talvez, eles representem ou exemplifiquem.

Em relação à metodologia dos exercícios, não se constata inovações relevantes nos livros didáticos analisados. Os exercícios se vinculam a duas tipologias: os objetivos de lacunas ou de múltiplas escolas que, invariavelmente, aparecem conectados a um fim utilitário dos vestibulares e os subjetivos de caráter analítico-expositivos, centrados num estilo de questionários ou modelos estruturais, especificados em fichas de leituras para avaliar fragmentos ou livros inteiros.

Na maioria das vezes, os exercícios de múltiplas escolhas ou de lacunas se centram na memorização em que se privilegia a ótica histórica evolucionista enfatizando o estudo da literatura brasileira dando maior peso aos escritores do passado sobre os do presente. Quando se referem aos exercícios analítico-expositivos, com fragmentos de textos ou poesias completas, o único interesse são as especificidades de períodos literários a que eles estão associados. A finalidade parece ser com que, dado um texto X, o aluno seja capaz de descobrir o estilo de época Y a que aquele texto pertence.

A seguir, identificados esses traços, passa-se a apresentar um conjunto de textos em que eles se encontram em evidência (nesse ponto, parece que o organizador do livro didático já tomou todos os cuidados para afastar textos e questões que não se enquadram bem no modelo). O objetivo desta etapa parece ser colocar a observação de um número razoável de textos a serviço da confirmação da pertinência e importância dos traços com que se definiu o movimento ou escola.

A segunda questão norteadora dessa pesquisa que é: quais os conceitos de história da literatura que orientam os livros didáticos e os planos de conteúdos no Ensino Médio? Pode ser respondida como um conceito historicista, conectado ao positivismo do século do XIX. Mesmo tendo um aceitável espaço nas grades curriculares e os PCNs, sugerindo uma mudança, a disciplina literatura permanece atada ao livro didático que, por sua vez, conserva-se preso a uma concepção romântica da história da literatura. Desse modo, tanto os planos de conteúdos como os livros didáticos se distanciam do mundo real pregando uma percepção historicista da literatura no Ensino Médio. Assim sendo, a disciplina literatura é mostrada como uma imagem eterna, mas, descrita a partir da interferência seletiva e manipuladora de alguém num momento presente.

### **3.2 Indicativos para começar um novo diálogo com a escola**

A disciplina literatura se apresenta no *corpus* analisado numa perspectiva objetiva e linear, valendo-se do fio cronológico transplantado do calendário em que necessita explicar e ligar os eventos, evitando lacunas, contradições ou ambigüidades. Tanto os

planos de conteúdos como os livros didáticos reprisam uma história da literatura na contramão da contemporaneidade. Predominando as terminologias estanques e fechadas como os conceitos de literatura e os gêneros literários entregues aos alunos prontos e acabados, em que eles não constroem nada. Da mesma forma, prevalecem os estilos epocais, as leituras canônicas sem confrontá-las com as obras da atualidade, além do uso da fragmentação textual cristalizada nos livros didáticos.

Sabe-se que o abismo entre a literatura e história, entre o conhecimento estético e o histórico, faz-se superável quando a história da literatura não se limita simplesmente a descrever um processo de listagem de autores e suas obras, mas quando ela revela aquela função verdadeira constitutiva da sociedade concorrendo com as outras artes, na emancipação do homem. Então, a literatura no Ensino Médio necessita se "historizar"<sup>86</sup> colocando-se no tempo dos seus leitores/alunos, uma vez que como disciplina, necessita sofrer alterações, perder o ranço da periodização. Ela pode contar uma história da literatura, mas não essa conectada ao historicismo, descrita nos planos de conteúdos e nos livros didáticos, anteriormente.

O caráter de representação oca da história da literatura encontrada no *corpus* em que se parte do pressuposto que os alunos não possuem uma história de leituras, pois os textos canônicos oferecidos não representam nada, são incharacterísticos e desvinculado das suas realidades. A história da literatura estudada nas escolas necessita entrar no mundo real, perder o seu caráter virtual reafirmando pelos períodos

---

<sup>86</sup> LAJOLO, Marisa. Op.cit., nota 8. p, 26.

literários, as leituras canônicas e as metodologias que não possibilitam uma variação no caráter sacralizador da obras literárias.

Especificamente em relação ao Ensino Médio, a literatura precisa de algumas alterações, entre elas, sofrer uma relativização nas concepções demasiado rígidas, vinculadas à tradição romântica da literatura em que ela é mostrada com uma criação sublime e genial. Assim haveria um alargamento e uma relativização do próprio conceito de literatura com as conseqüentes mudanças no plano de definição do cânone nas escolas. Também, a valorização do educando como um leitor em particular, tendo sua própria história de vida que contribui para criar uma história dos textos lidos, precisa ser considerada e avaliada pelos professores. Do mesmo modo, desvendar uma história da literatura dialética, não linear com um procedimento complexo feito de sucessidade e simultaneidade, enfim, uma história da literatura em que nem todos vivem no mesmo tempo.

A historização da disciplina literatura somente pode acontecer com o questionamento do seu próprio objeto de trabalho que é o conceito de literatura. Barthes<sup>87</sup> enfatiza que não se entende como é possível fazer uma história da literatura, sem que ponha em assunto o seu próprio ser, ou que pode ser, literalmente, uma história da literatura, se não a própria idéia de literatura. Assim, ao colocar em dúvida o conceito de literatura, pressupõe-se que ela pode ser transformada através dos tempos.

---

<sup>87</sup> BARTHES, Roland. História ou literatura? In: BARRENTO, João (Org.). *História literária - problemas e perspectivas*. Lisboa: Apáginastantas, 1986. P. 45 - 65

A literatura se modificando, através dos tempos, pode surgir como uma forma de atividade humana que sofre influências da sociedade em que se encontra e perderia o caráter de homogeneidade. Os conceitos de literatura e dos gêneros literários não podem ser os mesmos para os quinhentos anos de produção escrita do Brasil. As definições sofreram alterações no decorrer dos anos, por exemplo, no arcadismo, o paradigma do literário se constituía na busca pelo natural e o simples, no entanto, o romantismo se remetia para o nacionalismo como um modelo literário. No mundo contemporâneo há uma confluência de todos os períodos literários, o conceito de literatura se modificou, sabe-se que um texto possui graus de literariedade, pode ser mais ou menos literário.

O termo literatura perdeu as fronteiras delimitadas pela segurança da tríade convencional de dramático, narrativo e lírico marcado por uma existência histórica conduzidas num determinado suporte: o livro. Na modernidade, sabe-se que a linguagem literária, conotativa se expressa em bases diversas como *outdoors*, propagandas, biografias, textos de jornais, assim como os novos instrumentos de computação e multimídia alteram as perspectivas da literatura. Desse modo, os artifícios próprios dos textos literários e suas linguagens que se encontram expostos em diferentes momentos sociais, tanto servem para vender produtos, conceitos, serviços, como exprimir subjetividades na literatura.

A abertura no conceito de literatura mudaria o paradigma canônico das leituras no Ensino Médio. Acredita-se que a seleção do cânone expresso nos planos de conteúdos e livros didáticos se cristaliza pela falta de questionamento. Assim, se os

autores José de Alencar ou Machado de Assis são memoráveis para as instituições escolares, pois atenderam aos horizontes de uma determinada época. Entretanto, aos alunos adolescentes do Ensino Médio, não significam nada, sem uma revisão das práticas escolares, no sentido de buscar uma recepção atualizada e a devida comparação com as obras atuais e próximas ao mundo adolescente.

A mudança no foco canônico não significa, necessariamente, que a literatura nas escolas deva ensinar a ler *best sellers*, literatura de massa ou auto-ajuda. Isso se sabe que o *marketing* das multimídias possui uma eficácia muito maior. Tampouco faz sentido trabalhar somente com autores da modernidade e excluir toda a literatura clássica da escola. Pelo contrário, parece que um dos papéis fundamentais da disciplina literatura se constitui em tornar os alunos/leitores capazes de compor vínculos com toda a história da literatura e entendê-la no que ela encerra de outro, de diferente em relação à contemporaneidade. Bordini e Aguiar<sup>88</sup> reafirmam que um estudo da literatura, conectado, exclusivamente, ao texto moderno impede a visão da historicidade da literatura, esgotando as configurações, fatos lingüísticos e sistemas de idéias de sua relação com o passado.

A literatura nas instituições de Ensino Médio, pelo seu caráter de obrigatoriedade e vinculação aos concursos de vestibulares, não poderá se desligar, totalmente, dos estudos biobibliográficos e leituras clássicas. Entretanto, para acontecer uma historização na disciplina literatura pode-se abordar e questionar assuntos atrelados à história da literatura, que são estudados de maneira unidimensional nas escolas, que

---

<sup>88</sup> BORDINI e AGUIAR. Op.cit., nota 6.

são a recepção e descrição das obras literárias teorizadas pelo historiador Jobim.<sup>89</sup> Do mesmo modo, deve-se repensar as metodologias e o uso do livro didático na disciplina de literatura no Ensino Médio.

A recepção é formação da imagem da obra literária que o leitor faz na sua época, por exemplo, o livro *Dom casmurro*, de Machado de Assis se classifica pela periodologia como uma obra realista em que tematiza e problematiza as questões do adultério no final do século XIX. Entretanto, as obras e autores não pertencem exclusivamente aos períodos em que foram produzidas. Então, na contemporaneidade, o mesmo *Dom casmurro* poderia ser lido por alunos adolescentes, mas sem as amarras da periodologia, seria visto de outra forma, talvez como uma obra romântica, mas contemporânea, pelo tom existencialista e solitário do personagem Bentinho.

Igualmente, o livro *Senhora*, de José de Alencar, catalogado como uma obra romântica, apresenta uma narrativa em que o personagem Fernando casa-se por interesses financeiros, porém se redime por amor a sua esposa Aurélia, mostrando-se modificado ao término da obra. Isso conota uma lição de moral, que poderia ser evitada, se não fosse o condicionamento da periodização que antecede a leitura, pois a recepção se faz com a comparação de avanços e recuos de diferentes leituras feitas ao longo do tempo. Do mesmo modo, possibilita-se que autores e obras não sejam de domínio absoluto do passado, independente das sucessivas interpretações e reinterpretações que lhes descrevem.

---

<sup>89</sup> JOBIM. Op.cit., nota 13.

Na descrição, submetem-se, não somente as implicações do passado, mas, também às suas conexões com efeitos e conseqüências posteriores. Sendo assim, deve-se colocar em dúvida o enquadramento dos autores nos períodos literários, assim como ter a consciência de que a descrição histórica de uma determinada época está condicionada ao espaço temporal de quem escreve. Pode-se, exemplificar, o autor Augusto dos Anjos que esteve listado entre os períodos parnasianos, naturalista, simbolista, atualmente, nos livros didáticos se encontra no período transacional do pré-modernismo. Recentemente, os alunos do Ensino Médio podem associá-lo a letras de música de *rock* e *heavy metal* pela ideologia niilista que o poeta coloca em suas poesias.

Para que as orientações de alteração no foco historicista do ensino de literatura nas instituições escolares aconteçam, é necessária uma proposta metodológica que possibilite uma transformação na recepção das obras pelos alunos no Ensino Médio. Bordini e Aguiar<sup>90</sup> apresentam o método recepcional como uma das alternativas de mudança do eixo historicista e positivista de ensino literário nas escolas. Por ser uma forma de trabalhar a literatura ressaltando a comparação entre o familiar e o novo, entre o próximo e distante, pode se trabalhar com literatura de massa e clássica.

Deste modo, confrontam-se os textos que são conhecidos ao universo de leitura dos alunos com outros textos, documentos de outras épocas, regiões e classes sociais em diferentes níveis e estilos abordando temáticas variadas. A metodologia para essas leituras é o debate constante entre colegas, professores, enfim com a comunidade em

---

<sup>90</sup> BORDINI e AGUAR. Op.cit., nota 6.

que os alunos se inserem. Assim, a escola continuaria trabalhando com a literatura canônica, porém ofereceria uma maneira diferenciada de procedimento em relação às leituras, respeitando o universo dos alunos e saindo da periodologia.

Por outro lado, sabe-se que não existem métodos ou fórmulas perfeitas, pois todas no decorrer dos tempos perderiam sua historicidade, o que pode acontecer são orientações de modificação através de pesquisas nas instituições escolares. Benjamin<sup>91</sup> afiança que não é tão importante a renovação do ensino através da pesquisa, mas sim a investigação através do ensino. Então, acredita-se que dessa forma, responde-se à terceira questão norteadora que são: que orientações podem ser propostas para uma reformulação na disciplina de literatura no Ensino Médio?

---

<sup>91</sup> BENJAMIN.Op.cit., nota 10.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo processo de mudança oferece dificuldades, entretanto é necessário deixar para trás antigos vícios, velhas fórmulas. O *corpus* analisado apresenta o ensino literário centrado na memorização da periodização unidimensional em que se abordam as biobibliografias e obras dos autores relevantes na visão do livro didático utilizado. São feitas apreciações do conjunto das obras de autores nomeados para estudo e a partir delas, surgem às indicações de leituras, diluídas em fragmentos ou na versão integral, condicionada à obrigatoriedade de avaliações na escola ou nos concursos de vestibulares. Entre as escolas participantes da pesquisa, não se distinguem diferenças nítidas em relação à historicidade da disciplina literatura, o que se observa são alguns indícios que podem, em logo prazo, propiciar uma modificação na percepção historicista do ensino literário.

Em relação às grades curriculares do ensino de literatura nas escolas, a pública oferece uma carga horária maior, do mesmo modo a disciplina possui autonomia, é desvinculada da Língua Portuguesa. Entretanto, o ensino se reduz à simples ordenação cronológica de períodos e movimentos literários em que o professor se

constitui em um apresentador de notícias literárias sobre eventos passados.<sup>92</sup>As leituras literárias são em menor quantidade, invariavelmente, conectadas ao cânone indicado pelos concursos de vestibulares e/ou pelo livro didático utilizado pela instituição.

As escolas públicas que fizeram parte deste *corpus* não estimulam as leituras contemporâneas ou desvinculadas do caráter utilitário dos vestibulares. Em seus procedimentos metodológicos, também não dessacralizam os textos clássicos indicados. Deste modo, tirando-os da condição de artefato sagrado e impenetrável em que se encontram, associando a essas leituras às práticas culturais do mundo contemporâneo dos alunos. Ao mesmo tempo, no Ensino Médio, existe uma ausência quase total das práticas de criação ou recriação de textos literários que imitem, parodiem ou reescrevam os textos clássicos aproximando-os dos alunos e saindo do condicionamento dos estilos epocais.

Por outro lado, as escolas particulares possuem um espaço menor nas suas grades curriculares para a disciplina literatura no Ensino Médio, assim nos primeiros anos, ela aparece associada à Língua portuguesa, somente possui autonomia como disciplina individual a partir dos segundos anos. O ensino literário segue a evolução do fenômeno literário reduzido à obra final e aos seus autores, à contextualização e à fixação de estilos epocais. Igualmente, levam os seus professores a meros divulgadores dos acontecimentos literários passados. Entretanto, as leituras literárias possuem uma

---

<sup>92</sup> Opinião da pesquisadora que é professora de literatura há vinte anos.

abrangência maior, elas acontecem desde os primeiros anos e oferecem uma leve mudança no foco canônico.

As particulares participantes do *corpus* possuem a preocupação em apresentar leituras que estão mais próximas do mundo adolescente. Do mesmo modo, nota-se também a inquietação das instituições em oferecer aos alunos uma leitura contemporânea com autores locais. A leitura clássica e vinculada aos concursos de vestibulares, também se torna um dos referenciais, porém são enfocadas, somente nos terceiros anos. No entanto, os procedimentos metodológicos não se apresentam alterações contundentes, possuem o mesmo caráter rotineiro encontrado nas escolas públicas em que não remetem a uma alteração no ensino conectado ao historicismo.

Os livros didáticos reafirmam o que já foi observado em relação ao ensino da literatura, no que concerne às leituras literárias e às metodologias nas escolas públicas e particulares. Eles não oferecem nada de original ou atualizado, ainda que os didáticos participantes do *corpus*, sejam datados do final do século XX e início do XXI. Apesar disso, repete-se, exaustivamente, de livro para livro, os mesmos conceitos de literatura, a tríade convencional dos gêneros e a periodização pasteurizada reforçada pelos excertos dos mesmos textos clássicos. Dentre os livros investigados, o didático de Cadore, constitui-se no único a proporcionar um questionamento referente aos gêneros e à periodização no mundo contemporâneo.

O livro didático de Cadore menciona que os gêneros nunca são puros se imbricam entre eles, então as obras literárias devem ser estudadas com bases nas suas

características particulares, e não nas classificações genéricas. Além disso, o autor do livro em questão, apresenta uma inquietação quanto à estaticidade das datas-limite dos períodos literários, assim como a evolução dos autores nos estilos epocais, alegando que alguns escritores se modificam, outros retomam marcas literárias de épocas passadas. Desta forma, Cadore afirma que a periodização deve ter sentido amplo, relativo e dinâmico.

Entretanto, paradoxalmente, o mesmo autor que levanta dúvidas em relação à periodização, reproduz didaticamente os períodos literários da mesma forma linear e evolutiva que os outros autores dos livros didáticos analisados. Assim como os gêneros literários são mostrados na sua forma pura sem preocupação em confirmar as dúvidas que o autor expõe a respeito da hibridiz dos gêneros literários na modernidade. Ou seja, a inquietação apresentada, inicialmente, sobre os gêneros e a periodização, não se concretizaram na construção do livro.

Por outro lado, o discurso escolar, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais, apregoa que os alunos devem ter capacidade de pesquisar, também criar e formular, ao invés da memorização. Assim como oferecem um questionamento em relação à perspectiva estática da história da literatura no Ensino Médio. Então, pergunta-se, se os documentos orientadores, permitem e até cobram uma mudança no enfoque historicista eternizado nas escolas, o que faz a disciplina de literatura manter-se condizente com a periodologia e as leituras canonizadas sem uma abertura dialógica?

Sabe-se que, historicamente, a escola se mantém distanciada do seu tempo, se estamos no século XXI, ela permanece, quem sabe, um vinte ou trinta anos atrás. Por exemplo, a periodologia parou de ser discutida a partir dos anos setenta ou oitenta, atualmente, parece ser um mundo nebuloso, fora das discussões intelectuais. Tampouco, a escola se apresenta preocupada<sup>93</sup> em transformar o caráter historicista da disciplina literatura no Ensino Médio. Sabe-se que o caráter institucional e vinculação com os concursos de vestibulares, constituem-se numa das impossibilidades para as modificações no ensino literário.

Recentemente, há movimentos dentro dos meios acadêmicos, no sentido de apresentar uma nova abordagem as leituras canônicas direcionadas aos vestibulares. Entende-se, que a partir do momento que essas tendências transformadoras são divulgadas, podem acontecer alterações nos meios editoriais. Dessa forma, os livros didáticos sofreriam transformações, no sentido de sair da periodologia, oferecendo uma maior abrangência no conceito de literatura e uma abertura nos gêneros literários oferecendo as imbricações do mundo contemporâneo. Também, uma outra perspectiva do foco canônico que propiciasse um contraste com as leituras da contemporaneidade.

No sentido de buscar novas abordagens para a historização do ensino literário nas escolas, a pesquisa abre lacunas, entre outras, para as seguintes questões

---

<sup>93</sup> Opinião da pesquisadora que é professora de literatura há vinte anos.

abordadas pelo historiador Viktor Zmegac<sup>94</sup>, não será momento de escrever uma história literária perspectivada a partir das condições de produção específicas e suas transformações? E não seria também de levar em conta as condições em que a literatura é lida e divulgada - uma história literária dos leitores e editores, e não apenas dos autores e obras?

Além disso, se cada época literária postula suas convenções, então quais os motivos que levam a literatura nas escolas não se desligarem dos modelos fixos impostos pelos livros didáticos? As universidades, como formadora de opiniões, poderiam oferecer publicações ou cursos de extensão que possibilitasse uma abertura no foco historicista da literatura no Ensino Médio? Ainda que posição acadêmica, em nível de terceiro grau, é desenvolvida nos cursos de Letras a fim de entregar à sociedade um profissional que seja capaz de propiciar uma historização na disciplina de literatura no Ensino Médio?

---

<sup>94</sup> ZMEGAC, Viktor. A história literária como problema. In: BARRENTO, João (org.). *História literária-problemas e perspectivas*. Lisboa: apáginastantas, 1986. p. 89 - 105.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1 Referências teóricas

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia (Coord.). *Ensino Médio: múltiplas vozes*. Brasília: UNESCO, MEC, 2003.

BARRENTO, João (org.). *História literária - problemas e perspectivas*. Lisboa: Apáginastantas, 1986.

BARTHES, Roland. História ou literatura? In: BARRENTO João (Org.). *História literária - problemas e perspectivas*. Lisboa: Apáginastantas, 1986. P.45-65.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BARRENTO João (Org.). *História literária - problemas e perspectivas*. Lisboa: Apáginastantas, 1986. p. 37-41.

BENJAMIN, Walter. História da literatura e ciência da literatura. In: BARRENTO João (Org.). *História literária - problemas e perspectivas*. Lisboa: Apáginastantas, 1986. p. 137- 44.

BERNARDO, Gustavo. O Conceito de literatura. In: JOBIM, José Luís (org.). *Introdução aos termos literários*. Rio de Janeiro: Edverj, 1999. p. 135 -68.

BIZZOCCHI, Aldo. Repensando o Ensino de literatura. São Paulo: Folha de São Paulo, 10 de julho de 2000.

BONAZZI, Marisa; ECO, Umberto. *Mentiras que parecem verdades*. São Paulo: Summus, 1980.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura - Formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

CAIRO, Luiz Roberto Velloso. História da literatura, literatura comparada e crítica literária: frágeis fronteiras disciplinares. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 69 - 84.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. História da literatura: fragmento de uma totalidade desaparecida? In. OLINTO, Heidrun K.(org.). *Histórias de literatura*. Rio de Janeiro: Ática, 1996. p. 223 - 39

JAUSS, Hans Robert. *A História da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

JOBIM, José Luís. Os estudos literários e a identidade da literatura. In:\_\_\_\_(Org.). *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1999. p.191 - 203.

JOBIM, José Luís. História da literatura. In:\_\_\_\_ (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 127 - 46.

KOMOSINSK, Lionira Maria Giacomuzzi. *Literatura nos cursos de Letras, um ensino centrado no leitor*. Tese de doutorado em Teoria da literatura. Porto Alegre: CPL / PUCRS, 1992.

LAJE, Micheline Madureira. *Ler sem doer: perspectivas para leitura do texto literário no Ensino Médio*. Minas Gerais: UNILESTE, 2003.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1999.

LAJOLO, Marisa. Literatura e história da literatura: duas senhoras muito intrigantes. In: MALARD, Leticia. et al. *História da literatura*. Campinas: UNICAMP, 1995. p.21 - 31.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAIA, Vitória C. Mamede. *O ensino de literatura no segundo grau: análise do livro didático*. Dissertação de mestrado em Literatura brasileira. Rio de Janeiro: PUCRJ, 1986.

MALARD, Leticia. *Ensino de Literatura no 2º grau*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

:MALARD, Leticia. et al. *História da literatura*. Campinas: UNICAMP, 1995.

MAGNANI, Maria Rosário M. *Leitura, literatura e escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO: Secretária de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 1999. p.137 – 45.

MOÏSES, Maussad. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1987.

MOÏSES, Maussad. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1997.

PICCHIO, Luciana S. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura*. Porto Alegre: PUCRS, 2003.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luis (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 65 - 91.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Literatura e ensino: uma problemática*. São Paulo: Ática, 1981.

ROLLA, Ângela da Rocha. *Professor: perfil de leitor*. Tese de doutorado em Teoria da literatura. Porto Alegre: CPL / PUCRS, 1995.

RÖSING, Tânia Mariza Kuchenker. *Metodologia do ensino de literatura no 1º, 2º e 3º graus*. Dissertação de mestrado em Teoria da literatura. Porto Alegre: CPL / PUCRS, 1992.

SILVA, Ezequiel Theodoro da, ZILBERMAN, Regina. *Literatura e pedagogia: ponto & contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

SOUZA, Antonio Candido de Mello. *Formação da literatura: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

SOUZA, Maria Ester Vieira de (Org). VILAR, Socorro de Fátima P. (Org.) *Parâmetros Curriculares em questão*. João Pessoa: Universitária, 2004.

SOUZA, Roberto Acizelo de. *A formação da teoria literária*. São Paulo: LITEC, 1987.

SOUZA, Roberto Acizelo de. A idéia de história da literatura: constituição e crises: In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 141 - 56.

VIEIRA, Nelson H. Hibridismo e alteridade: estratégias para repensar a história da literatura. In. MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p.95 - 113.

ZMEGAC, Viktor. A história literária como problema. In: BARRENTO, João (org.). *História literária-problemas e perspectivas*. Lisboa: apáginastantas, 1986. P.89 - 105.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC, 2001.

ZILBERMAN, Regina. *Leitura em crise: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

ZILBERMAN, Regina. O positivismo e a história da literatura brasileira. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 115- 40

## **2 Referências de análise**

### **- Obras didáticas**

CAMPEDELLI, Samira Yousseff, SOUZA Jésus Barbosa. *Literatura produção de textos & gramática*. São Paulo: Saraiva 1999.

CADORE, Luís Agostinho. *Curso básico de Português*. São Paulo: Ática, 2000.

CEREJA, Willian Roberto, MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Literatura brasileira*. São Paulo: Atual, 2004.

ABAURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela Nogueira; FADEL, Tatiana. *Português: língua, literatura, produção de texto*. São Paulo: Moderna, 2004.

**- Obras literárias**

ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: Ática, 1994.

ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: FTD, 1999.

ASSIS, Machado de. *Dom casmurro*. São Paulo: Scipione, 1994.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Scipione. 1994.

ASSIS, Machado de. *Contos definitivos*. São Paulo: Scipione, 1995.

BRASIL, Assis. *Concerto campestre*. Porto Alegre. L& PM, 1999.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1990.

GUIMARÃES, Bernardo. *O seminarista*. São Paulo: FTD, 1999.

GUIMARÃES, Josué. *É tarde para saber*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1998.

KIEFER, Charles. *Caminhando na chuva*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro. Francisco Alves editora S.A., 1990.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. São Paulo: FTD. 1994.

MACHADO, Dyonélio. *Os ratos*. São Paulo: Ática. 1981.

MOSCOVICH, Cíntia. *Duas iguais*. Porto Alegre: L&PM, 2000.

NETO, Simões Lopes. *Contos gauchescos & Lendas do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

QUEIROZ, Eça de. *O crime do padre Amaro*. Rio de Janeiro. Ediouro, 1990.

SCLIAR, Moacyr. *Câmera na mão, Guarani no coração*. São Paulo: Ática, 2004.

SCLIAR, Moacyr. *A mulher que escreveu a bíblia*. Porto Alegre: cia das letras, 1999.

VERISSIMO, Érico. *O continente*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

WIERCHOWSKI, Leticia. *O pintor que escrevia*. Porto Alegre: Record, 2003.

## ***CURRICULUM VITAE***

### **IDENTIFICAÇÃO**

Nome: Marisa Cardoso pedras

Filiação: Manuel Antonio Cardoso e Ilda de Lima Cardoso

Nacionalidade: Brasileira

Carteira Profissional: 19794/Série 00023/RS

Carteira de Identidade: 1010484866 SSP /RS

C P F: 315577850-04

Certificado de Registro de Professor do MEC / RS

LP 01878/89

### **FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

#### **FAPA**

Graduação-Licenciatura plena, habilitação em Língua Portuguesa e Literatura.

1985-1988

#### **FAPA**

Especialização em Língua Portuguesa (ênfase em produção textual)

1991-1992

**LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Proficiência em Espanhol pela UFRGS

**CURSOS COMPLEMENTARES****FAPA**

Curso de literatura contemporânea e criação literária  
1988-1988- 40horas

**UFRGS**

Curso de Extensão Universitária (formação de projetos em Língua portuguesa e Literatura)  
1999-1999- 80 horas

**UFRGS**

I Seminário de Redação de Vestibular  
2002- 40 horas

**UFRGS**

II Seminário de correção de redação e IX Encontro Estadual de Redação  
2003- 40 horas

**UFRGS**

III Seminário de Correção de Redação  
2004 - 40 horas

**PUCRS**

Projeto de formação de Professor / Aluno de Literatura  
2005- 40 horas

**UFRGS**

Curso "Memórias, aprendizagens e constituição das identidades".  
2005 - 20 horaS

## **ATIVIDADES PROFISSIONAIS**

### **Colégio Cruzeiro do sul**

Av Arnaldo Bohrer, 253

03/87 até 07/88

Ministrar aulas de Língua Portuguesa para as sétimas e oitavas séries do Ensino Fundamental, primeiros anos do Ensino Médio.

### **Fundação de Educação Social e Comunitário (FESC)**

Av. Cel. Neves, 555

19/04/88 até 20/12/88( estágio 588 horas)

Ministrar aulas de Português e Literatura no supletivo

### **Escola Municipal Alberto Pasqualini**

Rua Casemiro de Abreu, 385 – Viamão / RS

1988 até 1998

Ministrar aulas de Língua Portuguesa (5ª e 8ª séries).

### **Escola Nossa Senhora de Lourdes**

Rua Marcilio Dias, 1201

1989 até 1990

Ministrar aulas de Língua Portuguesa (Ensino Fundamental)

**Colégio Universitário**

1990 até a 1994

Ministrar aulas de Literatura e Língua Portuguesa (Ensino Médio)

**Colégio Santa Inês**

Av. Protásio Alves, 2493

1995 até dezembro de 1998

Ministrar aulas de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio

**Centro Estadual de Formação de Professores General Flores da Cunha**

Av. Osvaldo Aranha, 527 Porto Alegre

1994 até a presente data.

Ministrar aulas Literatura e literatura infantil (Ensino Médio e Curso Normal)

**Escola Estadual Professor Oscar Pereira**

Rua Oscar Pereira, s/nº Porto Alegre / RS

2000 a 2001

Ministrar aulas de Língua Portuguesa (Ensino Fundamental)

**. Escola La Salle Santo Antonio**

Rua Luiz de Camões,

2000 até 2003

Ministrar aulas de Literatura no ensino médio

**Escola Técnica Meta**

Rua sete de setembro-Porto Alegre / RS

2000 até 02/2005

Ministrar aulas Literatura e Redação (Ensino Médio)

**Centro Universitário La Salle**

Av Vitor Barreto, 2288 Canoas.

Corretora de redações

2001 até 2002

**Secretaria de Estadual de Educação**

Correção de redação dos Supletivos de Ensino Médio e Fundamental

Ano-2004/2005